



FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE  
**COIMBRA**

João Francisco Clemente Vieira Chá-Chá

# **AS VISITAS DE ESTUDO VIRTUAIS NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA NO ENSINO SECUNDÁRIO**

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário orientado pela Professora Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro e pela Professora Doutora Sara Marisa da Graça Dias do Carmo Trindade, apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Julho de 2022

# FACULDADE DE LETRAS

## AS VISITAS DE ESTUDO VIRTUAIS NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA NO ENSINO SECUNDÁRIO

### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>As visitas de estudo virtuais na disciplina de História no Ensino Secundário</b>
<b>Autor/a</b>	<b>João Francisco Clemente Vieira Chá-Chá</b>
<b>Orientador/a(s)</b>	<b>Professora Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro</b> <b>Professora Doutora Sara Marisa da Graça Dias do Carmo Trindade</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Judite Manuela Silva Nogueira Carecho</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutora Maria do Rosário Barbosa Morujão</b> <b>2. Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário</b>
<b>Área científica</b>	<b>História</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Formação de professores</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>21-07-2022</b>
<b>Classificação do Relatório</b>	<b>15 valores</b>
<b>Classificação do Estágio e Relatório</b>	<b>16 valores</b>



*Educar é uma arte cujo exercício tem de ser aperfeiçoado através de muitas gerações  
Cumulada com os conhecimentos dos que já passaram, cada geração pode sempre levar a  
cabo, cada vez mais, uma educação que desenvolva proporcionadamente e de modo  
conforme ao seu fim todas as disposições naturais do homem, e assim conduzir todo o género  
humano à sua destinação.*

Immanuel Kant, *Sobre a Pedagogia*, p. 14.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de deixar registado o meu agradecimento às pessoas e instituições cuja colaboração e apoio foram importantes no decorrer do meu percurso académico e sobretudo para a realização deste relatório. Às orientadoras, Professora Doutora Ana Isabel Ribeiro e Professora Doutora Sara Dias-Trindade. Aos docentes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Professora Doutora Irene Vaquinhas, Professora Doutora Leontina Ventura, Professora Doutora Margarida Sobral Neto, Professora Doutora Dina Sebastião e Professor Doutor João Paulo Avelãs Nunes, e à docente da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Professora Doutora Maria Helena Damião. Aos meus amigos e colegas, Andreia Santos, Laura Silva, Daniela Nunes, Rúben Freitas, Gorete Fernandes, Natércia Pestana, Jéssica Silva, Hugo Passinhas, André Rodrigues e Ana Lopes. Ao Professor Doutor Fernando Tavares Pimenta. Ao Professor João Santo. À Professora Helena Gouveia. À Ana Ferreira. Aos meus pais, irmão e restantes familiares. À Sr<sup>a</sup>. Adelaide Teixeira. Ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade Letras da Universidade de Coimbra, à Escola Básica e Secundária José Falcão, à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e ao Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.

## **RESUMO**

No âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada escolhemos, como estratégia didática, as visitas de estudo virtuais. A razão que nos levou à escolha desta estratégia foi essencialmente uma. Tendo em consideração o potencial pedagógico-didático das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) é possível viajar sem sair do conforto da sala de aula e conhecer locais que por determinadas razões, relacionadas com o tempo e com o espaço, não é possível visitar presencialmente.

Nas últimas duas décadas, os governos, uns mais que outros, apostaram nas TDIC. Simultaneamente, os documentos curriculares reconheceram que as tecnologias digitais melhoram a qualidade do sistema de ensino. Atualmente é quase impossível pensar no mundo educacional sem equacionar a presença destes equipamentos.

As tecnologias digitais são muito importantes no ensino da História, pois permitem desenvolver estratégias pedagógico-didáticas inovadoras que envolvem o aluno no seu processo de aprendizagem. Com efeito, o professor deverá explorar todas as possibilidades educativas propiciadas pelas TDIC.

Para melhor compreender a importância das visitas de estudo virtuais na disciplina de História no Ensino Secundário, foco do trabalho que aqui se apresenta, elencamos os seguintes objetivos:

- Avaliar a motivação que a estratégia proporciona ao recorrer à realidade virtual através das ferramentas digitais;
- Identificar as potencialidades desta estratégia na construção de aprendizagens tendo em consideração a participação do aluno neste processo.

Para a concretização do nosso estudo empírico optamos por uma metodologia qualitativa e utilizamos as estratégias e os métodos mais adequados para obter a informação necessária.

Apesar de os alunos estarem familiarizados com as tecnologias digitais, verificamos que alguns alunos não reconhecem o potencial destas ferramentas no contexto de sala de aula. No decorrer das visitas de estudo, os alunos estavam motivados, mas registamos algumas dificuldades em reconhecer a importância desta atividade no âmbito da disciplina de História.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de História; Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação; Visitas de Estudo Virtuais; Estratégias inovadoras.

## **ABSTRACT**

In the context of Supervised Pedagogical, we chose virtual study visits as a didactic strategy. The reason that led us to choose this strategy was essentially one. Taking into account the educational pedagogical potential of Digital Information and Communication Technologies (DICT) it is possible to travel without leaving the comfort of the classroom and to know places that for certain reasons related to time and space it is not possible to know in person.

In the last two decades, governments, some more than others, have bet on DICT. At the same time, curriculum documents have recognized that digital technologies improve the quality of the education system. Nowadays it is almost impossible to think of the educational world without considering the presence of these equipments.

Digital technologies are very important in the teaching of History, as they allow the development of innovative pedagogical-didactic strategies that involve the student in their learning process. In fact, the teacher should explore all the educational possibilities provided by the DICT.

To better understand the importance of virtual study visits in the discipline of History in Secondary Education, focus of the study presented here, we have listed the following objectives:

- Assess the motivation that the strategy provides when using virtual reality through digital tools;
- Identify the potentialities of this strategy in the construction of learning taking into account the participation of the student in this process.

For the realization of our empirical study, we opted for a qualitative methodology and used the strategies and the most appropriate methods to obtain the necessary information.

Although students are familiar with digital technologies, we found that many do not recognize the potential of these tools in the class room context. During the study visits, students were motivated, but we have some difficulties in recognizing the importance of this activity in the discipline of History.

**KEY WORDS:** History teaching; Digital Information and Communication Technologies; Virtual Study Visits; Innovative strategies.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I.....	7
REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA .....	7
1. A escola.....	7
2. As turmas .....	8
3. Atividades desenvolvidas.....	9
4. Reflexão sobre a Prática Pedagógica Supervisionada .....	13
CAPÍTULO II .....	17
ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	17
1. As TDIC nas salas de aula .....	17
2. As visitas de estudo virtuais.....	22
CAPÍTULO III .....	31
METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO E DESCRIÇÃO DO ESTUDO.....	31
1. A escolha do tema, a questão de investigação e os objetivos .....	31
2. Opções metodológicas .....	32
3. Instrumentos de recolha de informação .....	34
4. Organização das visitas de estudo.....	35
CAPÍTULO IV - APLICAÇÃO DIDÁTICA .....	43
1. Os jovens e as TDIC .....	43
2. A arquitetura manuelina: visita de estudo virtual à Sé do Funchal.....	46
3. Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra).....	48
CONCLUSÃO .....	53
DOCUMENTAÇÃO .....	57
BIBLIOGRAFIA.....	58
ANEXOS.....	62
ANEXO 1 – Plano Individual de Formação .....	63
ANEXO 2 – Enquadramento geral dos temas desenvolvidos ao longo do ano letivo.....	66
ANEXO 3 – Planificações a curto prazo .....	68
ANEXO 4 – “A inauguração do «Casino Park Hotel»” in Diário de Notícias da Madeira (PowerPoint) .....	80

ANEXO 5 – O centralismo português segundo Alberto João Jardim (PowerPoint) .....	81
ANEXO 6 – As primeiras mulheres na Universidade de Coimbra (PowerPoint) .....	82
ANEXO 7 – Portugal segundo Boaventura de Sousa Santos (PowerPoint) .....	83
ANEXO 8 – As tecnologias digitais no ensino da história na União Europeia e em Portugal .....	84
ANEXO 9 – Formulário: as TDIC na sala de aula* .....	85
ANEXO 10 – A arquitetura manuelina: visita de estudo virtual à Sé do Funchal - questionário ( <i>Google Forms</i> ) .....	87
ANEXO 11 – Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra) - questionário ( <i>Google Forms</i> ) .....	88
ANEXO 12 – Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra) - questionário ( <i>Google Forms</i> ) .....	90
ANEXO 13 – Trabalhos de consolidação de conhecimentos (orientações) .....	91
ANEXO 14 – A Arquitetura manuelina: visita de estudo virtual à Sé do Funchal - guião .....	92
ANEXO 15 – Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra) - guião .....	93



## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Google Arts and Culture</i> - Museu Nacional de Arte Antiga. ....	24
Figura 2 - <i>Google Earth</i> - Baixa Pombalina. ....	25
Figura 3 - Coimbra Medieval - castelo medieval de Coimbra. ....	25
Figura 4 – Notificação sobre a realização da visita de estudo à Sé do Funchal. ....	37
Figura 5 – Estátua de João Gonçalves Zarco. Foto: André Rodrigues. ....	38
Figura 6 – Nave central da Sé do Funchal. Foto: André Rodrigues. ....	39
Figura 7 – Braço do transepto. Foto: André Rodrigues. ....	39
Figura 8 - <i>Visita Guiada</i> (RTP 2) - "Sala da Aula da Esfera, no Hospital de São José; e Museu da Marinha". ....	40
Figura 9 – <i>Google Arts and Culture</i> - Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra). ....	41
Figura 10 – Grupo I, os azulejos que ensinam ( <i>PowerPoint</i> ). ....	51
Figura 11 – Grupo II, os azulejos que ensinam ( <i>PowerPoint</i> ). ....	51
Figura 12 – Grupo III, os azulejos que ensinam ( <i>PowerPoint</i> ). ....	52

## **SIGLAS**

ERE – Ensino Remoto Emergencial

FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

HCA – História e Cultura das Artes

HST A – História A

MNMC – Museu Nacional Machado de Castro

PPS – Prática Pedagógica Supervisionada

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

VEV – Visitas de estudo virtuais

## INTRODUÇÃO

Este relatório foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular *Estágio e Relatório* do Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) e tem como principal objetivo apresentar os dados recolhidos e analisados, bem como o seu enquadramento teórico, referentes às atividades desenvolvidas no contexto da Prática Pedagógica Supervisionada (PPS). Como estratégia didática escolhemos as visitas de estudo virtuais (VEV). A razão que nos levou à escolha desta estratégia foi essencialmente uma. Tendo em consideração o potencial pedagógico-didático das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) é possível viajar sem sair do conforto da sala de aula e conhecer locais que por determinadas razões, relacionadas com o tempo e com o espaço, não é possível visitar presencialmente.

As TDIC são acarinhadas por uns e rejeitadas por outros, mas atualmente é impossível pensar o processo de ensino-aprendizagem sem equacionar a presença destas ferramentas. O potencial pedagógico-didático das tecnologias digitais é enorme, pois permitem desenvolver práticas educativas cada vez melhores e mais centradas no aluno<sup>1</sup>.

Nas últimas décadas temos assistido a um avanço significativo no campo das TDIC. As tecnologias digitais permitem construir novas formas de pensar e aprender. Através do motor de busca do *Google* é possível, por exemplo, aceder a quantidades imensuráveis de informação. Ali também podemos encontrar vários documentos históricos. Porém, é importante fazer uma seleção rigorosa e ponderada dessa informação. O aluno, com o apoio do professor, tem de adotar uma postura crítica face àquilo que encontra nestas plataformas. Em História, a recolha, a seleção e apresentação da informação é muito importante<sup>2</sup>.

Os primeiros computadores e mais tarde a *internet* chegaram às escolas nos finais da década 1980, inícios de 1990 e desde então temos assistido a alterações significativas na forma como se desenvolvem os processos de ensino-aprendizagem. Longe vão os tempos em que os computadores disponíveis nas salas de aula serviam única e exclusivamente para “passar os trabalhos”. Decorrente da evolução tecnológica é possível planear e executar estratégias inovadoras e dinâmicas que contemplam a participação do aluno. Além dos computadores, temos também de referir a importância das tecnologias digitais móveis,

---

<sup>1</sup> Sara Dias-Trindade e Joaquim Ramos de Carvalho, *História, tecnologias digitais e mobile learning: ensinar História na era digital*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, p. 20.

<sup>2</sup> Id. *Ibidem*, p. 121.

nomeadamente os *smartphones* e os *tablets*, que pela sua portabilidade e *softwares* permitem desenvolver estratégias igualmente inovadoras.

As tecnologias digitais permitem desenvolver práticas educativas cada vez mais dinâmicas e estimular a participação dos alunos no processo de aprendizagem. Através das tecnologias digitais os alunos podem assumir um papel mais ativo na construção da sua aprendizagem. Desta maneira, as metodologias tradicionais que se traduzem em estratégias excessivamente diretivas e assentes na memorização mecânica, devem ser substituídas por metodologias que privilegiam a maior participação dos discentes<sup>3</sup>.

A partir da *web* é possível, a partir do conforto da sala de aula, percorrer os corredores do Louvre em Paris ou as ruas da Baixa Pombalina em Lisboa. Esta realidade é exequível através de várias aplicações de que se destacam, por exemplo, o *Google Earth* e *Google Arts and Culture*. As visitas de estudo virtuais encerram várias potencialidades pedagógico-didáticas, pois permitem criar ambientes de aprendizagem inovadores e estimulantes que comprometem o aluno no seu processo de aprendizagem. Segundo Sónia Cruz, a visita de estudo virtual

*pode constituir um recurso que ajude o aluno a desenvolver diversas competências, nomeadamente, desenvolvimento da capacidade de selecção e análise de informação com que interagem, análise essa, ao nível documental, mas também ao nível iconográfico; fomentar o gosto pela descoberta autónoma e do desenvolvimento do espírito crítico*<sup>4</sup>.

Através das tecnologias digitais (e mais concretamente das VEV) a distância deixa de constituir um limite no acesso à aprendizagem. No nosso estudo empírico tivemos, por exemplo, a oportunidade de a partir de Miranda do Corvo (Coimbra) estar em contacto direto, via *Skype*, com uma guia que nos conduziu pelas principais artérias do Funchal e pelo interior da Sé da mesma cidade. Uma realidade que transpondo para o contexto das visitas de estudo presenciais iria exigir uma logística muito complexa e impossível de concretizar num curto espaço de tempo. Com efeito, somos da opinião que as TDIC melhoram a qualidade do ensino, pois permitem desenvolver estratégias didáticas diversificadas e de elevada qualidade. Contudo, não podemos esperar destas ferramentas virtualidades que não possuem (nem será

---

<sup>3</sup> Id. *Ibidem*, p. 75.

<sup>4</sup> Sónia Cruz, *Proposta de um Modelo de Integração das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Práticas Lectivas: o aluno de consumidor crítico a produtor de informação online* (tese de doutoramento), Braga, Instituto de Investigação e Psicologia - Universidade do Minho, 2009, p. 102.

desejável que possuam). Os professores, os principais gestores do ato educativo, devem explorar as potencialidades pedagógicas de todas as ferramentas disponíveis. A incorporação das tecnologias digitais favorecerá uma maior aproximação entre os alunos e o objeto de estudo, ao permitir, por exemplo, a ilustração de um passado que possa ter desaparecido.

No texto “Crise na Educação” Hannah Arendt afirma o seguinte: “Pense-se o que se pensar, o professor é ainda aquele que sabe mais e que é mais importante”<sup>5</sup>. Partilhamos, pois, da opinião desta autora. O professor continua a desempenhar um papel importante e decisivo no mundo educacional e nunca poderá ser substituído pelas tecnologias digitais por mais atrativas e inovadoras que estas se apresentem.

O docente, enquanto adulto e profissional intelectual, continua a desempenhar um papel decisivo na planificação e execução das estratégias didáticas e na educação das crianças e dos jovens em idade escolar.

Cabe às gerações mais velhas educar e preparar as gerações mais novas para a vida em sociedade. Segundo Immanuel Kant,

*Educar é uma arte cujo exercício tem de ser aperfeiçoado através de muitas gerações. Cumulada com os conhecimentos dos que já passaram, cada geração pode sempre levar a cabo, cada vez mais, uma educação que desenvolva proporcionadamente e de modo conforme ao seu fim todas as disposições naturais do homem, e assim conduzir todo o género humano à sua destinação*<sup>6</sup>.

Tendo em consideração os desafios que se impõem à educação em geral e ao ensino da História em particular o professor deve explorar as possibilidades educativas propiciadas pelas tecnologias digitais e não só. É, pois, fundamental fazer uma gestão rigorosa e ponderada dos recursos disponíveis tendo em consideração não só os interesses dos alunos, mas também os princípios em que assenta a educação formal na tradição ocidental.

A escola continua a ser o espaço educativo por excelência. A formação integral dos indivíduos passa pelos bancos das escolas. Segundo Fernando Savater, “Nascemos humanos, mas isso não basta: temos também de chegar a sê-lo”<sup>7</sup>. A escola além de transmitir as noções

---

<sup>5</sup> Hannah Arendt, *Entre o Passado e o Futuro: oito exercícios sobre o pensamento político*, Lisboa, Relógio d'Água, 2006, p. 192.

<sup>6</sup> Immanuel Kant, *Sobre a Pedagogia*, Lisboa, Edições 70, 2020, p. 14.

<sup>7</sup> Fernando Savater, *O valor de educar*, Lisboa, Dom Quixote, p. 29.

básicas de literacia e numeracia tem a missão de formar cidadãos responsáveis, livres e autónomos.

Nos documentos curriculares em vigor são constantes as referências aos propósitos emancipadores da educação. Segundo a *Lei de Bases do Sistema Educativo*,

*O sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho.*

Tendo em consideração a importância e missão da educação escolar no quadro da formação integral do indivíduo recuperamos a noção de “conhecimento poderoso” introduzida pelo sociólogo britânico Michael Young. O “conhecimento poderoso” e passamos a citar

*alarga os horizontes das crianças e dos jovens, fazendo-os caminhar intelectualmente para além das suas circunstâncias locais e particulares, facultando-lhes a compreensão do mundo no qual devem participar como cidadãos<sup>8</sup>.*

O estudo do passado é igualmente importante. Na ótica de alguns discursos as ciências sociais e humanas não têm lugar no currículo do século XXI. Estes discursos, preocupados com o desenvolvimento sustentável, procuram preparar os alunos para os desafios do mercado laboral, colocando de lado os princípios emancipatórios por que se guia a educação formal na tradição ocidental<sup>9</sup>.

Defendemos que através das humanidades e das artes, os discentes desenvolverão as capacidades necessárias para ler o mundo na sua complexidade e responder aos seus vários desafios emergentes<sup>10</sup>. Assim, será possível promover o desenvolvimento integral das crianças e jovens e garantir o desenvolvimento sustentável.

---

<sup>8</sup> Andrés Palma Valenzuela e Maria Helena Damião, “Da “Narrativa” Humanista à Educação Humanista - uma análise do currículo escolar da contemporaneidade” in *Revista Educação e Emancipação*, v. 11, n.º 2, maio/agosto 2018, p. 25.

<sup>9</sup> Maria Helena Damião, “A figura do “(novo) filantropismo empresarial” na “(nova) narrativa do currículo da escola pública” in *Estudos do Século XX*, v. 21, 2021, p. 23.

<sup>10</sup> Andrés Palma Valenzuela e Maria Helena Damião, ob. cit., p. 25.

Tendo em consideração os parágrafos anteriores referentes à importância das tecnologias digitais no ensino da História, mais concretamente quando aplicadas à realização de visitas de estudo, colocamos a seguinte questão de investigação:

- Como é que as visitas de estudo virtuais contribuem para ambientes de aprendizagem estimulantes e inovadores, importantes no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de História no Ensino Secundário?

Para responder a esta questão elencamos os seguintes objetivos:

- Avaliar a motivação que a estratégia proporciona ao recorrer à realidade virtual através das ferramentas digitais;

- Identificar as potencialidades desta estratégia na construção de aprendizagens tendo em consideração a participação do aluno neste processo.

Este relatório está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo (“A Prática Pedagógica Supervisionada”) abre este trabalho com uma reflexão sobre o contexto e atividades desenvolvidas entre outubro de 2020 e junho de 2021. O estágio decorreu na Escola Básica e Secundária José Falcão (Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo). Foram-nos atribuídas as disciplinas de História A (HST A) e de História e Cultura das Artes (HCA) a serem lecionadas ao 10º X e o 11º Y<sup>11</sup>, respetivamente. Neste capítulo iremos tecer algumas considerações sobre as atividades (letivas e não letivas) desenvolvidas no decorrer do estágio e as impressões que fomos colhendo no decorrer deste período.

Em “Enquadramento teórico” (capítulo II) apresentamos a estratégia didática adotada: as visitas de estudo virtuais. As tecnologias digitais são importantes no mundo educacional. Os computadores, por exemplo, disponíveis nas salas de aula já não servem única e exclusivamente para “passar os trabalhos”. A partir das tecnologias digitais é possível, por exemplo, percorrer o interior da Sé do Funchal na ilha da Madeira ou os corredores do Museu Nacional Machado de Castro (MNMC) em Coimbra.

No capítulo seguinte (III) – “Metodologia de Investigação e Descrição do Estudo” – vamos apresentar o enquadramento metodológico do nosso estudo empírico. Optamos por uma metodologia qualitativa assente na observação direta por parte do professor-investigador.

No capítulo IV – “Aplicação Didática” – serão apresentados e analisados os dados recolhidos no decorrer do nosso estudo empírico. O nosso estudo de caso consistiu na realização de duas visitas de estudo, a saber, “A arquitetura manuelina: visita de estudo virtual à Sé do Funchal” e “Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo

---

<sup>11</sup> Designação fictícia com o objetivo de proteger a identidade dos alunos.

Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra)”. Ambas as visitas foram organizadas pelo professor. No contexto da primeira visita tivemos a colaboração de uma guia que esteve em contacto direto com a turma via *Skype*. Para a realização da segunda visita foi necessário o recurso aos *smartphones* para aceder à aplicação *Google Arts and Culture*.

No final do relatório (“Conclusão”) iremos elencar as impressões que retiramos ao longo da Prática Pedagógica Supervisionada. A par disso, tentaremos responder à questão de investigação ao analisar as respostas aos objetivos elencados no início do nosso estudo de caso. Esta parte final do relatório será igualmente importante para destacarmos algumas propostas de otimização da aplicação da experiência pedagógica em contextos futuros.

Para a elaboração deste relatório recorreremos à bibliografia referente às visitas de estudo presenciais e no decorrer do texto citamos, sempre que pertinente, essa bibliografia. Alguns autores consultados e citados utilizam o termo “excursão virtual”, mas optamos por utilizar apenas o termo “vistas de estudo virtuais”.



## CAPÍTULO I

### REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

#### 1. A escola

A Prática Pedagógica Supervisionada decorreu na Escola Básica e Secundária José Falcão no concelho de Miranda do Corvo, distrito de Coimbra. Esta escola faz parte do Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo. Este agrupamento é composto por nove escolas (Escola Básica e Secundária José Falcão, Escola Básica de Lamas, Escola Básica de Miranda do Corvo, Escola Básica de Moinhos, Escola Básica de Pereira, Escola Básica de Rio de Vide, Escola Básica de Semide e Escola Básica de Vila Nova) e quatro jardins-de-infância (Jardim de Infância de Casais de S. Clemente, Jardim de Infância de Espinho, Jardim de Infância de Miranda do Corvo e Jardim de Infância de Vidual).

A história desta instituição remonta a 1972, ano em que entrou em funcionamento, ministrando apenas o 1º e 2º ano do então Ciclo Preparatório (atuais 5º e 6º anos do 2º ciclo do Ensino Básico). A sua primeira morada foi num antigo edifício na Rua do Calvário (onde fica atualmente a Biblioteca Municipal Miguel Torga). No decorrer das décadas de 1980 e 1990 a escola passou a ministrar o 3º ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário. Desde a sua criação até aos inícios do século XXI as instalações da escola sofreram algumas alterações. Da Rua do Calvário passou para uns pavilhões pré-fabricados na Quinta dos Melos. Mais tarde, entrou em funcionamento o “pavilhão novo” (atualmente denominado Bloco C), destinado inicialmente só aos alunos do Ensino Secundário. Nos inícios do século XXI, os antigos pavilhões pré-fabricados deram lugar a 3 novos edifícios (Bloco A, Bloco B e refeitório).

A escola possui condições razoáveis ao nível das infraestruturas, dos serviços e do material, nomeadamente tecnológico. As salas de aula estão equipadas com um computador (com acesso à *internet*) e com um projetor. No Bloco A além das salas de aula funcionam os serviços administrativos, direção executiva, bar dos alunos, sala de professores e reprografia e papelaria. No Bloco B fica o auditório, importante para a realização conferências e palestras, e a biblioteca com uma coleção de livros sobre os mais variados assuntos. O Bloco C é constituído maioritariamente por salas de aula e alguns laboratórios de informática. As condições deste estabelecimento escolar, sobretudo ao nível das tecnologias digitais, refletem,

em grande parte, os esforços desenvolvidos pelos vários governos nas últimas duas décadas em apetrechar as escolas com melhores equipamentos.

## **2. As turmas**

No início do estágio foram-nos atribuídas as disciplinas de História A e de História e Cultura das Artes a serem lecionadas ao 10º X e ao 11º Y, respetivamente. A disciplina de História A integra o conjunto de disciplinas da formação específica do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades e é uma disciplina trienal obrigatória. No 12º ano os alunos realizam o exame nacional. A disciplina de História e Cultura das Artes integra o conjunto de disciplinas da formação específica do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais e é uma disciplina bienal opcional. No 11º ano os alunos realizam o exame nacional.

O 10º X era composto por 23 estudantes (11 rapazes e 12 raparigas)<sup>12</sup>. A idade dos alunos variava entre os 14 e os 18 anos. A turma apresentava uma média de idades de acordo com o nível frequentado, salvo duas exceções. A turma apresentava dois alunos a beneficiar de Programa Educativo Individual. Era uma turma com uma assiduidade, pontualidade e comportamento com algumas flutuações. No geral, a turma manifestava problemas ao nível do empenho e da concentração. Os alunos, salvo algumas exceções, não demonstravam interesse e motivação na realização das tarefas propostas em sala de aula, facto que dificultava a aplicação de algumas estratégias didáticas, sobretudo as que mobilizavam as ferramentas digitais. Os discentes não apresentavam níveis de autonomia correspondentes ao nível de escolaridade que frequentavam. Estas atitudes são o reflexo do desinteresse quase generalizado pela disciplina de História A e da ausência de perspetivas em relação ao seu futuro académico. Esta turma representa a amostra do nosso estudo de caso, pelo que será analisada com mais atenção no ponto 1 do capítulo IV.

O 11º Y era composto por 7 alunas. A idade das estudantes variava entre os 15 e os 18 anos. A turma apresentava uma média de idades de acordo com o nível frequentado, salvo uma exceção. Apesar de algumas situações pontuais, a turma era empenhada e interessada. Nas temáticas mais relacionadas com a História, a turma, no geral, manifestava curiosidade e interesse, colocando questões e explorando problemáticas importantes e atuais. No decorrer do ano letivo, verificamos uma evolução positiva nos níveis de empenho e interesse pela disciplina, com a exceção de dois casos.

---

<sup>12</sup> No início do ano letivo a turma era composta por 22 elementos (9 rapazes e 13 raparigas). No decorrer do primeiro período um elemento foi transferido de turma. No final do primeiro período um novo elemento integrou a turma. No arranque no segundo período a turma recebeu um novo aluno.

### 3. Atividades desenvolvidas

O estágio teve início em outubro de 2020 e terminou em junho de 2021. Ao longo destes nove meses tivemos a oportunidade de desenvolver as nossas capacidades pedagógico-didáticas relacionadas com a educação em geral e com o ensino da História em particular. Ao longo deste período conhecemos algumas questões relacionadas com o funcionamento organizacional da escola.

No início da Prática Pedagógica Supervisionada (PPS) elaboramos o Plano Individual de Formação (PIF)<sup>13</sup>. Neste documento foram elencadas as atividades letivas e não letivas a executar no decorrer do estágio. Decorrente da situação pandémica e da suspensão das aulas presenciais algumas atividades, nomeadamente não letivas, não se concretizaram. Contudo, manifestamos sempre a nossa disponibilidade junto do professor orientador para colaborar nas atividades organizadas quer pela escola, quer pelo departamento de ciências sociais e humanas. Com efeito, no âmbito das comemorações do 25 de abril de 1974 participamos na organização de uma pequena compilação de poemas sobre a Revolução dos Cravos a distribuir pela comunidade escolar. No contexto das comemorações do dia do concelho e do dia do patrono da escola, José Falcão, participamos numa celebração alusiva à vida daquele político republicano e antigo lente na Universidade de Coimbra. Na reta final do estágio participamos numa sessão de esclarecimento realizada no âmbito do Projeto MAIA (Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica) onde foram debatidas algumas problemáticas relacionadas com a avaliação dos alunos. Também participamos na festa de encerramento das atividades letivas.

O ano letivo 2020/2021 continuou marcado pela pandemia da COVID 19. No decorrer do primeiro período as aulas funcionaram em regime presencial. Entre finais de janeiro e abril (de 2021) as aulas decorrem em Ensino Remoto Emergencial (ERE). Nos primeiros tempos sentimos algumas dificuldades em adaptar-nos a este regime. Apesar das tecnologias digitais garantirem o “normal funcionamento das aulas” decorrente das impressões que fomos colhendo junto do orientador e dos restantes colegas estagiários somos levados a afirmar que a relação professor-aluno saiu prejudicada.

As dinâmicas da turma a que já aludimos no ponto anterior tomaram outras proporções neste período. No decorrer das sessões síncronas os alunos não ligavam a *webcam* apesar dos constantes avisos reiterados pelo professor orientador, pelos colegas estagiários e pelo diretor de turma. Tivemos em consideração o impacto da pandemia e do confinamento ao nível

---

<sup>13</sup> Cf. Anexo 1.

emocional e cognitivo dos alunos. Os alunos estão numa idade em que o convívio com os amigos e colegas é muito importante na construção da sua personalidade. Quando regressamos às aulas presenciais verificamos que os níveis de empenho dos alunos tinham, de facto, regredido.

Nos primeiros meses do estágio tivemos a oportunidade de assistir às aulas de História A e de História e Cultura das Artes. Estes primeiros tempos foram importantes para conhecer as turmas e as suas dinâmicas. Através das impressões que fomos trocando com o professor orientador e com os colegas estagiários no final das aulas e nas reuniões semanais passamos a conhecer melhor as turmas.

A observação das aulas, numa primeira fase do professor orientador e mais tarde dos colegas estagiários, permitiu-nos conhecer diversos modelos de aula e tirar o melhor partido de cada um, e mais importante, permitiu-nos encontrar o nosso próprio modelo. Ao longo destes primeiros meses foi-nos sempre dado espaço para intervirmos no decorrer das aulas. Esta prática manteve-se ao longo do estágio e foi uma forma interessante de dinamizar as aulas.

Em novembro, tivemos a primeira oportunidade de preparar e lecionar uma aula no âmbito da turma 10º X inserida na subunidade “A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática”. Verificamos nesta primeira aula (e nas seguintes) dificuldades em criar um ambiente de aula adequado ao processo de ensino-aprendizagem. Estas dificuldades prendiam-se sobretudo com a comunicação e com a gestão da sala de aula. Ao longo da Prática Pedagógica Supervisionada e à medida que o contacto com os alunos foi-se consolidando conseguimos criar um ambiente de aula adequado ao processo de ensino-aprendizagem, mantendo, com mais ou menos dificuldades, um ritmo de aula dinâmico e inovador. O receio inicial desvaneceu-se para dar lugar ao entusiasmo próprio de quem queria fazer mais e melhor.

No decorrer do estágio planeamos e dinamizamos aulas relativas ao 10º X e ao 11º Y<sup>14</sup>. Em relação ao 10º X tivemos a oportunidade de planear e dinamizar aulas relativas aos 3 módulos do programa e em relação à turma 11º Y apenas planeamos e dinamizamos uma aula relativa a um módulo do programa<sup>15</sup>.

As planificações e os respetivos materiais didáticos foram elaborados com rigor e em articulação com os documentos curriculares em vigor. Não nos limitamos a ministrar o saber

---

<sup>14</sup> Cf. Anexo 2.

<sup>15</sup> Cf. Anexo 3.

compendiário. Com efeito, investimos na nossa formação científica através da leitura da bibliografia mais atualizada dos temas a lecionar.

Além do manual da disciplina recorremos a excertos de obras literárias e historiográficas, documentação histórica, documentários e outros materiais audiovisuais disponíveis *online* em diversas plataformas. Vejamos o seguinte exemplo. No âmbito da aula lecionada na disciplina de História e Cultura das Artes subordinada ao tema da arquitetura pós-moderna achamos por bem fazer uma incursão pela arquitetura moderna em forma de contextualização. Com efeito, recorremos a um artigo do *Diário de Notícias da Madeira* referente à inauguração do (antigo) Casino Park Hotel, projeto assinado pelo arquiteto português Viana de Lima e pelo arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer<sup>16</sup>. Além do conteúdo do artigo chamamos atenção das alunas para a importância da documentação periódica como fonte básica e imprescindível na construção do conhecimento histórico.

A plataforma *Classroom* também foi uma importante ferramenta de trabalho, sobretudo durante o ERE. A partir desta plataforma podíamos entrar em contacto com os alunos e disponibilizar vários materiais. Na preparação das visitas de estudo virtuais recorremos com frequência ao *Classroom* como veremos mais adiante.

Através da articulação ponderada dos materiais atrás enumerados pretendíamos criar ambientes de aprendizagem dinâmicos e inovadores capazes de cativar o interesse dos alunos pela disciplina de História. Além do mais, era do nosso interesse superar o nível elementar dos epítomes escolares. Apesar da nossa estratégia didática (recordemos as visitas de estudo virtuais) privilegiar o uso das tecnologias digitais na sala de aula, no nosso entender é importante apostar numa gestão rigorosa e ponderada de todos os materiais didáticos disponíveis.

No decorrer das aulas tivemos a preocupação de introduzir, sempre que possível, algumas problemáticas da atualidade cujas raízes remontavam à realidade histórica em estudo. O objetivo era despertar o interesse e o sentido crítico dos alunos preparando-os para a vida em sociedade. Segundo os documentos curriculares em vigor, de que se destaca o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, pretende-se que o jovem seja um cidadão “munido de múltiplas literacias que lhe permitam analisar e questionar criticamente a realidade, avaliar e selecionar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia a dia”<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Cf. Anexo 4.

<sup>17</sup> Ministério da Educação/Direção-Geral de Educação (DGE), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 2017, p. 15.

No âmbito do tema “O regime senhorial em Portugal” achamos por bem introduzir a questão de Portugal ser um dos países mais centralizados da Europa. Na opinião de alguns autores a centralização do poder político remonta à Idade Média, pois em Portugal não existiu um regime feudal como aquele que conhecemos na Europa de além Pirenéus. Para tal, recorremos a um trecho de uma entrevista do antigo presidente do governo regional da Região Autónoma da Madeira, Alberto João Jardim<sup>18</sup>. Aquando do estudo do ensino na Idade Média e da fundação do primeiro Estudo Geral em Lisboa, mais tarde, Universidade de Coimbra, percorremos, embora que sucintamente, o percurso das primeiras mulheres nesta universidade<sup>19</sup>. Apesar de este ser um fenómeno do século XIX não deixa de estar inserido no estudo daquela universidade. Além do mais, foi uma oportunidade para apostarmos numa perspetiva diacrónica que não é contemplada quer pelo manual, quer pelo programa da disciplina. No contexto da subunidade “O impacto da Reforma Católica em Portugal” e do estudo da Inquisição em Portugal e do seu impacto na sociedade portuguesa questionamos os alunos se algumas das características da sociedade portuguesa contemporânea são produto de vários anos de opressão e perseguição. Para tal selecionamos um excerto da obra *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade* do sociólogo Boaventura de Sousa Santos<sup>20</sup>.

No âmbito da nossa estratégia didática realizamos duas visitas de estudo, a saber, “A arquitetura manuelina: visita de estudo virtual à Sé do Funchal” e “Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra)”. No ponto 2 e 3 do capítulo IV iremos analisar com especial atenção estas atividades.

Segundo João Paulo Avelãs Nunes e Ana Isabel Ribeiro,

*Para quem advoga que o funcionamento de um sistema educativo pode contribuir para a consolidação da democracia, o desenvolvimento sustentável, a redução das desigualdades socioeconómicas e regionais, torna-se óbvio que os docentes em geral – os professores de História em particular – devem apelar à responsabilidade individual dos estudantes e, ao mesmo tempo, procurar conhecer/incorporar na sua prática informação sobre o contexto sociocultural dos alunos<sup>21</sup>.*

---

<sup>18</sup> Cf. Anexo 5.

<sup>19</sup> Cf. Anexo 6.

<sup>20</sup> Cf. Anexo 7.

<sup>21</sup> João Paulo Avelãs Nunes e Ana Isabel Sampaio Ribeiro, “A didática da História e o perfil do professor de História” in *Revista Portuguesa de História*, t. XXXIX, 2007, p. 97.

Partilhamos, pois, da opinião destes autores. Através do ensino da História é possível introduzir problemáticas por vezes arredadas dos conteúdos programáticos. No contexto da sala de aula não nos interessa apenas transmitir um determinado número de conteúdos contemplados no programa e que mais tarde serão alvos de avaliação no teste final. Na nossa opinião, é importante estimular o espírito crítico dos alunos e familiarizá-los com os principais desafios da sociedade hodierna. Ao trazer o passado para o presente, pretendíamos estimular o interesse e curiosidade dos alunos pela disciplina de História<sup>22</sup>.

Não pretendemos adotar atitudes doutrinárias, facto que colide com os princípios em que assenta a educação formal na tradição ocidental e com aquilo que defendemos. Nas palavras de Hannah Arendt o doutrinamento é uma forma de “coerção sem uso da força”<sup>23</sup>. Isto é, o doutrinamento procura influenciar (e manipular) o pensamento dos alunos (e não só) segundo o quadro ideológico de quem ensina. A educação formal na tradição ocidental, na qual nos inserimos, tem como principais objetivos libertar e estimular a autonomia do aluno. O professor nunca poderá impor as suas ideias aos alunos por mais atrativas que estas se apresentem.

#### **4. Reflexão sobre a Prática Pedagógica Supervisionada**

A Prática Pedagógica Supervisionada foi imprescindível para nos inteirarmos das questões relacionadas com o processo de ensino-aprendizagem em História e com a educação em geral. Este percurso teve início no ano letivo 2019/2020 quando começamos a frequentar as unidades curriculares do Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário da FLUC. Através das unidades curriculares *Construção do Ensino e da Aprendizagem em História e Historiografia, Deontologia e Didática da História* foi possível estudar de forma crítica e construtiva várias questões relacionadas com o ensino da História graças ao apoio dos docentes destas unidades curriculares e à leitura aturada da bibliografia recomendada. Não podemos avançar nesta reflexão sem fazer uma breve referência à unidade curricular *Desenvolvimento Curricular e Avaliação* e à importância que ela teve na nossa formação profissional<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> Sara Dias-Trindade e Joaquim Ramos de Carvalho, *História, tecnologias digitais e mobile learning: ensinar História na era digital*, cit., p. 99.

<sup>23</sup> Hannah Arendt, ob. cit., p. 187.

<sup>24</sup> A Professora Doutora Maria Helena Damião (docente responsável pela unidade curricular no ano letivo 2020/2021) marcou-nos pelo seu imenso saber, pela inteligência fulgurante e pelo rigor que exigia aos outros depois de o exigir a si própria.

No contexto da Prática Pedagógica Supervisionada observamos as várias dinâmicas relacionadas com a educação em geral e com o ensino da História em particular. A PPS foi relevante em vários níveis. Através da observação e da participação no processo de ensino-aprendizagem foi possível articular o nosso modelo de ensino com o modelo do professor orientador e com o dos colegas estagiários. Esta articulação foi frutífera e fulcral na construção e aperfeiçoamento do nosso modelo.

Nos primeiros meses do estágio identificamos algumas dificuldades em construir uma relação professor-aluno, em grande parte devido à pouca diferença de idades. Porém, graças aos conselhos do professor orientador conseguimos superar essas dificuldades.

Além dos conselhos e das críticas sempre construtivas do professor orientador, no final das aulas e nas reuniões semanais, temos de referir o apoio dos colegas estagiários. Nas reuniões semanais e nos encontros fora da escola, nunca deixaram de manifestar o seu apoio e espírito de camaradagem. O professor orientador e os colegas estagiários estiveram sempre disponíveis quando deles mais precisamos.

Apesar de não ser o tema nuclear deste trabalho não podemos deixar de destacar a importância da História Regional e Local no ensino da História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Os programas e manuais escolares tendem a valorizar os grandes centros em detrimento das periferias. É fundamental articular os conteúdos programáticos com esta História que é tão próxima dos alunos. O nosso interesse pela História Regional e Local surgiu no âmbito dos trabalhos elaborados nas unidades curriculares *Construção do Ensino, Aprendizagem em História, Património Cultural, História Local e Ensino e Colonialismo e Pós-Colonialismo*<sup>25</sup>.

Pela sua tradição e organização, a escola concentra um conjunto de saberes que não estão disponíveis e acessíveis para muitos jovens, sobretudo aqueles que são provenientes de meios sociais mais humildes. A escola deve orientar a sua ação segundo os pressupostos da educação formal (ou seja, no campo da instrução e da formação) na tradição ocidental. Assim, será possível formar cidadãos responsáveis e promover o desenvolvimento sustentável e a consolidação do sistema democrático.

O ensino da História desempenha um papel importante nesta ordem de coisas. Nas atividades desenvolvidas no decorrer do estágio, como já tivemos oportunidade de aludir nos parágrafos anteriores, procuramos ir ao encontro destas ideias. A partir dos materiais didáticos

---

<sup>25</sup> Esta unidade curricular optativa, oferecida no âmbito do Mestrado em História, no ano letivo 2019/2020, foi lecionada pelo Professor Doutor Fernando Tavares Pimenta a quem estamos eternamente gratos pelos conselhos e ensinamentos transmitidos.



mobilizados procuramos estimular o interesse dos alunos pela História. Ao longo das aulas não nos limitamos a um saber essencialmente compendiário. Procuramos sempre consolidar os conteúdos do programa e do manual com a leitura da bibliografia mais atualizada. Na nossa opinião, é fundamental encurtar a distância que separa os manuais escolares das obras elaboradas por historiadores relativas a temas históricos.

No texto “Crise na Educação” Hannah Arendt afirma o seguinte: “Pense-se o que se pensar, o professor é ainda aquele que sabe mais e que é mais competente”<sup>26</sup>. Na ótica desses discursos a “figura do professor é secundarizada, reservando-lhe um papel de “simples” e “mero” gestor intervindo apenas por solicitação do aluno”<sup>27</sup>. Não somos apologistas das metodologias excessivamente expositivas assentes na reprodução mecânica do conhecimento. Porém, enquanto adultos e (futuros) profissionais intelectuais não podemos nos demitir da nossa missão de educar. O professor deverá estimular as capacidades intelectuais dos alunos. Novamente, nas palavras de Hannah Arendt:

*Na medida em que a criança não conhece ainda o mundo, [nós adultos] devemos introduzi-la nele gradualmente; na medida em que a criança é nova, devemos zelar para que esse novo amadureça, inserindo-se no mundo tal como ele é. No entanto, face aos jovens, os educadores fazem sempre figura de representantes de um mundo do qual, embora não tenha sido construído por eles, devem assumir a responsabilidade, mesmo quando, secreta ou abertamente, o desejam diferente do que é. Está implícita no facto de os jovens serem introduzidos pelos adultos num mundo em perpétua mudança<sup>28</sup>.*

Em suma, os professores continuam a desempenhar um papel fulcral no mundo educacional e a escola continua a ser o espaço educativo por excelência. Apesar da inegável importância que as TDIC têm vindo a assumir nas últimas décadas o professor enquanto adulto e profissional intelectual é importante na gestão e organização do ato educativo. No decorrer da Prática Pedagógica Supervisionada foi possível amadurecer estas ideias. Ao longo do nosso percurso profissional procuraremos orientar a nossa conduta pelos pressupostos a

---

<sup>26</sup> Hannah Arendt, ob. cit., p. 192.

<sup>27</sup> Andrés Palma Valenzuela e Maria Helena Damião, ob. cit., p. 20.

<sup>28</sup> Hannah Arendt, ob. cit., p. 199.

cima referidos. Além dos interesses dos alunos, não podemos esquecer os princípios e objetivos em que assentam a educação formal na tradição ocidental.

## CAPÍTULO II

### ENQUADRAMENTO TEÓRICO

#### 1. As TDIC nas salas de aula

Muito daquilo que consideramos próprio de uma época não é mais do que o ponto de chegada ou a síntese de tendências, soluções ou problemas que têm uma já longa laboração. A presença da tecnologia nas salas de aula não é uma novidade do século XXI. Ao longo dos tempos estes espaços foram sendo apetrechados com novos e melhores equipamentos, pois a escola não é (nem deve ser) imune às inovações tecnológicas<sup>29</sup>.

Desde a década de 1980 que temos assistido a um investimento progressivo no parque informático escolar. O primeiro grande passo foi dado em 1987 com o Programa MINERVA e desde então são inúmeros os projetos que têm surgido<sup>30</sup>. Este investimento foi acompanhado pela legislação que determinou a importância e o uso das TDIC nas salas de aula e da *web* no processo educativo<sup>31</sup>. Como refere Sónia Cruz, “a escola não sobrevive se se fechar sobre si e alhear-se do contexto onde os seus alunos brincam, trabalham, estudam, aprendem, se divertem, etc.”<sup>32</sup>.

O contributo das tecnologias digitais no âmbito da disciplina de História é significativo. Na *web* estão disponíveis várias fontes históricas e outros materiais à distância de um rápido deslizar de dedo. Nos últimos anos vários arquivos e centros de documentação têm apostado, por exemplo, na digitalização dos seus acervos promovendo, assim, a divulgação da História. O contacto dos alunos com essas fontes históricas é importante, pois estimula o seu espírito crítico e torna o aluno mais próximo do passado em estudo<sup>33</sup>. Porém, é importante fazer uma seleção rigorosa e ponderada dessa informação. O aluno, com o apoio do professor, tem de adotar uma postura crítica face àquilo que encontra nestas plataformas. Em História, a recolha, a seleção e apresentação da informação é fundamental<sup>34</sup>.

---

<sup>29</sup> Sara Dias-Trindade, António Gomes Ferreira e José António Moreira, “Panorâmica sobre a história da Tecnologia na Educação na era pré-digital: a lenta evolução tecnológica nas escolas portuguesas desde finais do século XIX até ao início do ensino computadorizado” in *Práxis Educativa*, v. 16, 2021, p. 3.

<sup>30</sup> Cf. Anexo 8.

<sup>31</sup> Sara Dias-Trindade, *O passado na ponta dos dedos: o mobile learning no ensino da História no 3.º CEB e no Ensino Secundário* (tese de doutoramento), Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 170-181.

<sup>32</sup> Sónia Cruz, op. cit., p. 78.

<sup>33</sup> Sara Dias-Trindade, ob. cit., pp. 197-198.

<sup>34</sup> Sara Dias-Trindade e Joaquim Ramos de Carvalho, op. cit., p. 20.

As tecnologias digitais permitem dinamizar as aprendizagens e estimular o interesse dos alunos pela História. Alguns alunos ainda percecionam a História como uma narrativa assente na memorização de datas e factos temporalmente distantes protagonizados por heróis e vilões. É de suma importância desmistificar esta ideia e promover, no processo de ensino-aprendizagem, uma ligação mais estreita entre o presente e o passado longínquo<sup>35</sup>. As tecnologias digitais são importantes para a concretização deste desiderato, pois permitem uma maior proximidade entre o aluno e o objeto de estudo. As reconstituições virtuais são um excelente exemplo.

Com base nas tecnologias digitais e nos recursos disponíveis *online*, os professores podem promover estratégias criativas e dinâmicas que privilegiem o desempenho do aluno no processo de aprendizagem. Longe vão os tempos em que os computadores disponíveis nas salas de aula eram apenas utilizados para fazer pequenas pesquisas na *web*. A evolução tecnológica e existência de *softwares* cada vez mais sofisticados permitem a planificação e execução de estratégias didáticas dinâmicas. Temos também de sublinhar a importância dos *tablets* e dos *smartphones* que dada a sua portabilidade e tecnologia também permitem desenvolver estratégias que rompem com as metodologias mais tradicionais.

Segundo David H. Jonassen, os computadores são ferramentas cognitivas. Segundo aquele autor,

*ferramentas cognitivas são, assim, aplicações informáticas que exigem que os alunos pensem de forma significativa de modo a usarem a aplicação para representar o que sabem. (...) Assim, as utilizações dos computadores mais eficazes na sala de aula são, por isso, para aceder a informação e interpretar, organizar e representar conhecimento pessoal*<sup>36</sup>.

Partilhamos, pois, da opinião deste autor. Como já tivemos oportunidade de salientar o computador não serve apenas para “passar os trabalhos”. É importante explorar as suas potencialidades pedagógico-didáticas. No campo das tecnologias digitais “o céu é o limite”.

Os documentos curriculares publicados desde a década de 1990 têm orientado a sua ação pelos princípios teóricos do construtivismo, demarcando-se das metodologias

---

<sup>35</sup> Sara Dias-Trindade, op. cit., p. 121.

<sup>36</sup> David. H. Jonassen, *Computadores, ferramentas cognitivas: desenvolver o pensamento crítico nas escolas*, Porto, Porto Editora, 2007, p. 15.

excessivamente expositivas assentes, por exemplo, na memorização mecânica<sup>37</sup>. Na ótica das abordagens construtivistas as TDIC desempenham um papel importante, pois enquanto ferramentas cognitivas promovem o envolvimento do aluno no processo de aprendizagem. Com efeito, o aluno assumirá um papel mais ativo na construção do seu conhecimento deixando de ser um simples reproduzidor de conhecimento. Nas palavras de David H. Jonassen a “autoria é a chave do construtivismo”<sup>38</sup>.

Na “sociedade e economia do conhecimento”, como refere Andy Hargreaves, a informação circula a um ritmo desenfreado<sup>39</sup>. Desta maneira, é importante a formação de indivíduos críticos e autónomos, indo, assim, ao encontro das abordagens construtivistas e dos documentos curriculares em vigor. Segundo aquele autor, “Nesta sociedade da informação, que está a mudar constantemente e que se cria a si própria, o conhecimento é um recurso flexível, fluido, sempre em expansão e em mudança”<sup>40</sup>. Nos parágrafos anteriores referimos que os novos paradigmas educativos se pautam pelo ensino de competências e pela autonomia do aluno na medida em que este é o principal construtor do seu conhecimento, indo, assim, ao encontro dos moldes em que funciona a “sociedade do conhecimento”. Apesar de concordarmos com estas ideias não podemos nunca esquecer os verdadeiros princípios da educação formal na tradição ocidental.

Há funções que só ao Estado e à escola competem. Com efeito, os professores (profissionais intelectuais) deverão mobilizar todas as estratégias e recursos adequados à formação de cidadãos responsáveis e autónomos, construtores de uma sociedade livre e democrática<sup>41</sup>.

A *web* não deve ser percecionada única e exclusivamente como um grande repositório de informação em que o aluno assume a atitude de consumidor passivo. Além da recolha de informação, a *web* também pode ser um repositório de conhecimento. Esta díade deve ser explorada pelo professor. O conhecimento produzido pelos alunos “não deve ficar reservado às paredes da sala de aula”, isto é, a divulgação do conhecimento na *web* facilita o seu acesso no momento do estudo, como permite a participação do discente na “sociedade do conhecimento”<sup>42</sup>. Ana Amélia Carvalho chama a atenção para esta realidade. Segundo esta autora, os trabalhos publicados na *web* ficam disponíveis não só para a escola como também

---

<sup>37</sup> Sara Dias-Trindade, op. cit., p. 53.

<sup>38</sup> David. H. Jonassen, op. cit., p. 235.

<sup>39</sup> Andy Hargreaves, *O ensino na sociedade do conhecimento*, Porto, Porto Editora, 2003, p. 33.

<sup>40</sup> Id., *Ibidem*, pp. 33-34.

<sup>41</sup> Id., *Ibidem*, p. 82.

<sup>42</sup> Andy Hargreaves, *O ensino na sociedade do conhecimento*, Porto, Porto Editora, 2003, cit., pp. 128-129.

para a comunidade de cibernautas e os aulas ficam satisfeitos e orgulhosos ao verem os seus trabalhos disponibilizados na *web*<sup>43</sup>.

Além dos trabalhos, todos os materiais utilizados e trabalhados em sala de aula também podem ser disponibilizados *online*, facilitando, assim, a sua consulta<sup>44</sup>.

Iniciamos este relatório afirmando que atualmente é impossível pensar o processo de ensino-aprendizagem sem equacionar a presença das tecnologias digitais nas salas de aula. Porém, ainda se erguem alguns obstáculos referentes à sua utilização. Vejamos.

Alguns professores, decorrente da sua formação, sentem alguma dificuldade em articular as tecnologias digitais com as suas estratégias pedagógico-didáticas. Segundo Sara Dias-Trindade e Joaquim Ramos de Carvalho,

*O que acontece é que as novidades tecnológicas são colocadas à disposição dos alunos e professores ao mesmo tempo e normalmente as reações são diferentes: os primeiros aceitam naturalmente, os segundos receiam. Muitas vezes ainda se ouve nas salas de professores que as TDIC só servem para os alunos ouvirem música, verem filmes ou jogarem. Poucos também são aqueles que utilizam as TDIC nas suas aulas, sobretudo para mais do que utilizar um PowerPoint da mesma maneira que utilizariam um acetato*<sup>45</sup>.

Ao longo deste trabalho temos vindo a defender o uso das TDIC, mas nunca abdicando da verdadeira função do professor no mundo educacional. As tecnologias digitais nunca poderão substituir o professor. Segundo Bento Duarte da Silva, a “emancipação informacional que a web proporciona passa pela valorização do papel dos professores, de forma a ajudar o aluno a reintegrar a informação no seu contexto, transformando-a em conhecimento”<sup>46</sup>. Com efeito, é importante reforçar as qualificações dos professores.

Os encarregados de educação por vezes não reconhecem as vantagens das TDIC no processo de aprendizagem dos seus educandos. Educados num tempo em que a presença das novas tecnologias na sala de aula resumia-se ao uso, por exemplo, do televisor e do retroprojektor, não reconhecem o potencial pedagógico-didático das tecnologias digitais,

---

<sup>43</sup> Ana Amélia Carvalho, “A Word Wide Web e o ensino da História” in *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*, organização Isabel Barca, Braga, Centro de Investigação em Educação (CIEE)/ Instituto de Educação e Psicologia, 2004, p. 246.

<sup>44</sup> José Alberto Lencastre e Maria José Araújo, “Impacto das tecnologias em contexto educativo formal” in *Revista galego-portuguesa de psicoloxía e educación*, vol. 1, 2007, p. 625.

<sup>45</sup> Sara Dias-Trindade e Joaquim Ramos de Carvalho, op. cit., p. 23.

<sup>46</sup> Bento Duarte da Silva, “As tecnologias da informação e comunicação nas reformas educativas em Portugal” in *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 14, n.º2, Braga, Universidade do Minho, 2001, p. 139.

associando-as na maior parte das vezes, a estratégias lúdicas que não correspondem aos verdadeiros objetivos da educação escolar.

Nas últimas décadas temos assistido a um investimento significativo no parque escolar. A esmagadora maioria dos alunos que atualmente frequenta a escolaridade obrigatória (e mais concretamente o 3º ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário) vive rodeada de vários dispositivos tecnológicos. Porém, a literacia digital destes “nativos digitais” resume-se, em alguns casos, às redes sociais e a alguns aplicativos do *Microsoft Office*. Apesar do potencial pedagógico-didático das tecnologias digitais, os alunos ainda apresentam algumas dificuldades em reconhecer a importante contribuição daquelas ferramentas no processo de aprendizagem.

Kirschner e Van Merriënboer citados por Adelina Moura apresentam os “três mitos modernos da Educação”<sup>47</sup>, dos quais nos interessa destacar apenas dois. Primeiro mito: os alunos “não possuem um conhecimento profundo das tecnologias, limitando-se o seu uso a funções básicas, desconhecendo como a tecnologia pode ajudar na aprendizagem e na resolução de problemas”<sup>48</sup>. A literacia digital de muitos discentes está limitada ao uso das redes sociais e aos aplicativos do *Microsoft Office*, ou seja, *Word* e *PowerPoint*. Segundo mito: os discentes apresentam algumas dificuldades em interpretar, analisar e selecionar informação<sup>49</sup>. Os alunos quando fazem pesquisas na *web* limitam-se ao primeiro resultado que aparece e não refletem sobre a origem, credibilidade e intenção dessa informação. Ou seja, os alunos limitam-se ao facilitismo do *copy and paste* apropriando-se da informação como fosse da sua autoria. Segundo Ana Amélia Carvalho, na senda dos autores já referidos,

*o que se tem vindo a verificar é os alunos copiarem e colarem integralmente textos da web ou de uma enciclopédia digital e entregarem estes trabalhos aos professores como se de originais se tratassem. Esta cultura pode instaurar-se se os professores, identificando o plágio, não alertarem os alunos sobre a forma como proceder*<sup>50</sup>.

Contudo, as TDIC têm vindo a reunir cada vez mais adeptos. Onde antes dominavam o quadro negro, o manual e a esferográfica, passam a coexistir os computadores e as tecnologias

---

<sup>47</sup> Adelina Moura, “Promoção da literacia digital através de dispositivos móveis: experiências no ensino profissional” in *Literacia, Média e Cidadania - Livro de Atas do 4.º Congresso*, Braga, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade - Universidade do Minho, 2017, p. 326.

<sup>48</sup> Id., *Ibidem*, p. 326.

<sup>49</sup> Id., *Ibidem*, pp. 326-327.

<sup>50</sup> Ana Amélia Carvalho, ob. cit., p. 245.

móveis digitais. Portugal está, assim, a aproximar-se dos países mais desenvolvidos da Europa<sup>51</sup>.

Assim, se as tecnologias digitais permitem desenvolver estratégias para uma correta e eficaz educação, estas devem ser usadas dentro de uma prática pedagógica continuada e não apenas como curiosidade.

## 2. As visitas de estudo virtuais

A partir do conforto da sala de aula é possível, nas palavras de Sónia Cruz, “conhecer um determinado local sem que para isso tenha de se dirigir até lá”. Segundo a mesma autora, “o professor pode trazer para dentro da sua sala de aula um museu nacional ou internacional, centros históricos das cidades nacionais e até internacionais, escavações arqueológicas” entre outros<sup>52</sup>. Esta realidade é possível graças às TDIC. As visitas de estudo virtuais são uma excelente oportunidade de aliar o ensino da História às tecnologias digitais.

As visitas de estudo (presenciais e virtuais) são estratégias didáticas importantes no processo de ensino-aprendizagem, pois permitem conhecer e contactar com os vestígios deixados pelo Homem ao longo dos séculos e abordar conteúdos que não são contemplados nos manuais escolares e/ ou programa da disciplina. O contacto com a realidade histórica em estudo estimula a mobilização de conhecimentos e o recurso à memória. Na impossibilidade de visitar presencialmente um determinado local, as visitas de estudo virtuais são, assim, uma solução de suma importância.

No ponto anterior fizemos referência aos arquivos e centros de documentação que têm apostado na digitalização dos seus acervos. Alguns museus também têm orientado a sua política nesse sentido apostando na virtualização dos seus espólios. Segundo Sara Dias-Trindade e Ana Isabel Ribeiro,

*É por isso que se vêm multiplicando os espaços museológicos que tiram partido das potencialidades que diferentes tecnologias lhes oferecem, de forma a proporcionar uma janela de maior dimensão e com uma vista mais clara para o passado. Desta forma, os diversos conteúdos que, em particular, têm vindo a oferecer nas suas páginas online, podem ser*

---

<sup>51</sup> Sara Dias-Trindade e Joaquim Ramos de Carvalho, *Ibidem*, p. 50.

<sup>52</sup> Sónia Cruz, ob. cit., p. 101.



*utilizados de forma didática como complemento das aprendizagens que vão sendo adquiridas no espaço da sala de aula*<sup>53</sup>.

Esta política reflete em grande parte a importância que as TDIC têm vindo a assumir nas últimas décadas. Com efeito, a partir do conforto da sala de aula é possível, por exemplo, percorrer os corredores do Louvre em Paris ou do Natural History Museum em Londres.

Na ótica de muitos alunos as visitas de estudo tradicionais (ou seja, as presenciais) são uma oportunidade para sair da sala de aula e quebrar o ritmo normal das aulas. Contudo, as visitas de estudo são mais que um simples passeio. As visitas de estudo (presenciais e virtuais) são atividades intencionalmente planeadas. De acordo com a informação disponibilizada pela Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares através da circular Informativa 1/ 2017 emitida em maio de 2017:

*uma visita de estudo é uma atividade curricular intencionalmente planeada, servindo objetivos para desenvolver/ complementar conteúdos de todas as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, de carácter facultativo, cuja operacionalidade deverá estar definida no respetivo Regulamento Interno de Cada Escola/ Agrupamento de Escolas.*

Maria Manuela Viegas Abreu também sublinha a importância da planificação das visitas de estudo. Segundo esta autora, o professor

*ao organizar uma visita de estudo, um princípio básico e de ordem geral a ter em conta consiste em evitar a tudo o custo que ela assuma, aos olhos dos alunos, o carácter de um simples passeio ou de uma excursão vulgar*<sup>54</sup>.

O mesmo se aplica às visitas de estudo virtuais. As VEV não exigem a deslocação (física) para fora do espaço da sala de aula, mas o sucesso desta atividade passa pela sua organização.

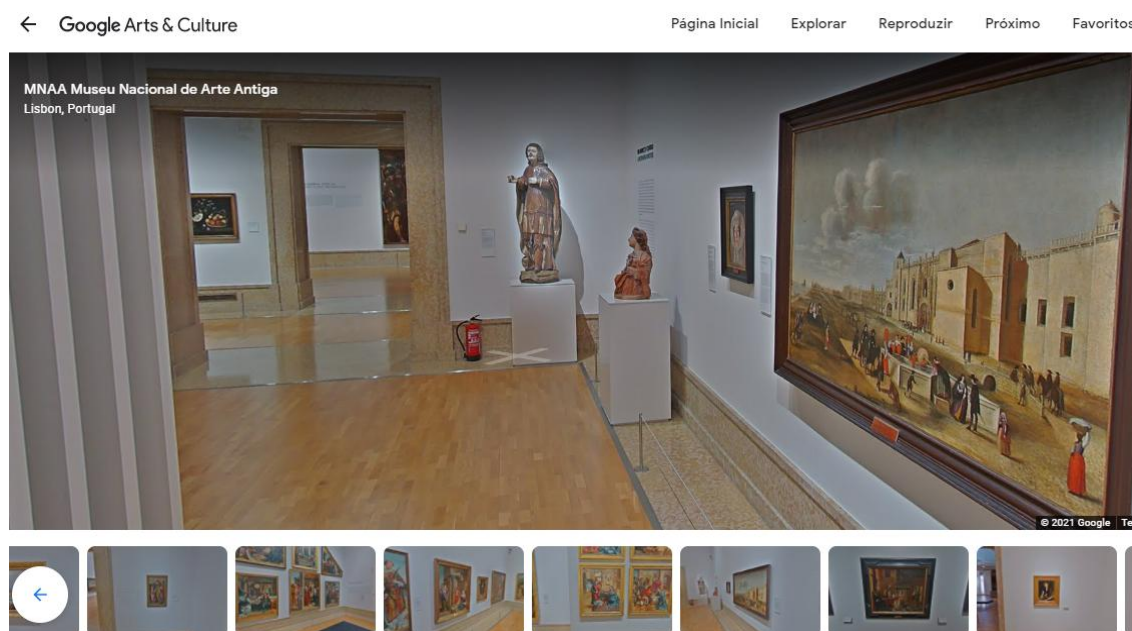
---

<sup>53</sup> Ana Isabel Ribeiro e Sara Dias-Trindade, “Visitas de estudo guiadas por tablets: da teoria à construção de um roteiro digital” in *A formação inicial de professores nas Humanidades – Reflexões didáticas*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, p. 121.

<sup>54</sup> Maria Manuela Viegas Abreu, “As visitas de estudo no ensino da História” in *Revista Portuguesa de Pedagogia*, n.º 6, 1972, p. 155.

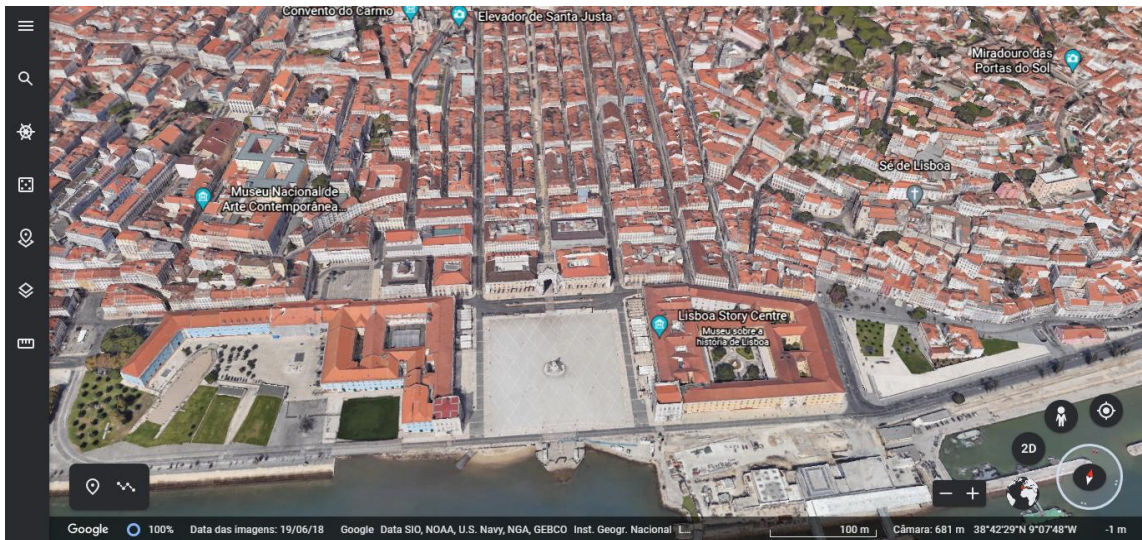
A organização da VEV é importante para que os alunos percecionem nesta atividade uma continuação da “aula-tradicional”. O professor terá de começar por eleger em que momento se irá realizar esta atividade, no início, no decorrer ou no fim da unidade temática em estudo. Nestes três momentos as visitas de estudo servem diferentes propósitos. No início da unidade temática a visita de estudo serve como estratégia de motivação e exploração das ideias tácitas dos alunos; no decorrer da unidade temática serve como estratégia de complementação e esclarecimento de conhecimentos; e no fim da unidade temática as visitas de estudo atuam, sobretudo, como estratégia de consolidação dos conteúdos lecionados.

Outro ponto importante prende-se com a escolha do local a visitar. Atualmente existem vários museus (nacionais e internacionais) que disponibilizam nos seus *websites* visitas virtuais. Através aplicação *Google Arts and Culture* (disponível em *Android* e *iOS*) é possível visitar as galerias dos museus mais conhecidos do mundo (figura 1) e através do *Google Earth* é possível, por exemplo, percorrer a Baixa Pombalina e analisar com detalhe a arquitetura dos edifícios erguidos após 1755 (figura 2). Porém, o potencial das visitas de estudo não se esgota nestas plataformas. As reconstituições virtuais, por exemplo, disponíveis *online*, permitem observar um passado que já não é observável (figura 3). Também existem alguns roteiros digitais disponíveis em aplicações para dispositivos móveis<sup>55</sup>.



**Figura 1** - *Google Arts and Culture* - Museu Nacional de Arte Antiga.

<sup>55</sup> Ana Isabel Ribeiro e Sara Dias-Trindade, ob. cit., pp. 123-124.



**Figura 2 - Google Earth - Baixa Pombalina.**



**Figura 3 - Coimbra Medieval - castelo medieval de Coimbra.**

Sónia Cruz sugere um modelo de visita de estudo virtual em que o guia está no local e simultaneamente em contacto com a turma, sendo possível a interação entre ambos<sup>56</sup>. Uma abordagem interessante que deita por terra a ideia de que as VEV nada mais são do que a visualização de conteúdos audiovisuais disponíveis na *web* e de fácil acesso.

Nas visitas de estudo (presenciais) a adesão dos alunos, na maioria dos casos, é imediata e total. Essa adesão facilita e estimula o aluno na aquisição de novos conhecimentos e encoraja-o a querer saber mais. Contudo, os níveis de motivação dos alunos perante as VEV podem ser outros, mas no nosso entender o recurso às TDIC poderá estimular a motivação dos alunos no decorrer da atividade. As tecnologias digitais permitem desenvolver abordagens inovadoras em contexto de sala de aula. Como sublinha Sara Dias-Trindade “[os jovens] abraçam imediatamente as novas tecnologias, facto relevante que pode, e deve, ser aproveitado até como fator motivador para o ensino”<sup>57</sup>. As tecnologias digitais promovem, assim, a motivação dos alunos em sala de aula e a aprendizagem pela descoberta<sup>58</sup>.

A motivação proporcionada por esta atividade deve ser capaz de incentivar os alunos a partir à descoberta. Os alunos estão, assim, motivados a aprender e não apenas interessados em memorizar a matéria para responder às questões do teste a realizar no final da unidade temática. Segundo Sónia Cruz, a visita de estudo virtual

*pode constituir um recurso que ajude o aluno a desenvolver diversas competências, nomeadamente, desenvolvimento da capacidade de selecção e análise de informação com que interagem, análise essa, ao nível documental, mas também ao nível iconográfico; fomentar o gosto pela descoberta autónoma e o desenvolvimento do espírito crítico*<sup>59</sup>.

O envolvimento dos alunos na atividade é fulcral. Como destaca Maria Manuela Viegas Abreu “É por e para eles [os alunos] que a visita de realiza”<sup>60</sup>. O envolvimento dos alunos pode verificar-se, por exemplo, ao nível da organização da atividade, nomeadamente na construção do guião. Este documento e/ou ficheiro deve reunir as informações mais importantes sobre o espaço bem como périplo a percorrer. O guião é a prova de que há uma

---

<sup>56</sup> Sónia Cruz, op. cit., p. 102.

<sup>57</sup> Sara Dias-Trindade, op. cit., p. 154.

<sup>58</sup> Id., *Ibidem*, pp. 215-217.

<sup>59</sup> Sónia Cruz, op. cit., 102.

<sup>60</sup> Maria Manuela Viegas Abreu, op. cit., p. 157.

aula em curso. Ao longo da visita os alunos devem colocar questões e expor as suas dúvidas. A intervenção dos alunos e o diálogo consertado devem dinamizar a atividade.

As visitas de estudo quando se realizam no início de uma nova unidade curricular são importantes para o professor explorar as ideias tácitas dos alunos. Parte das temáticas abordadas no Ensino Secundário fazem parte dos programas de História do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico. Ou seja, quando os alunos chegam ao 10º ano do Ensino Secundário trazem um conjunto de conhecimentos adquiridos nos anos letivos anteriores. Para além dos bancos da sala de aula os alunos podem adquirir várias informações sobre variadíssimos assuntos em diversas plataformas *online*. Nas palavras Sara Dias-Trindade:

*Quando os jovens chegam à escola, a sua vida não é uma “tábua rasa”, vazia de conhecimentos”, isto é, “todos os estudantes que entram nas aulas de História vêm já com os seus próprios conhecimentos e experiências pessoais, adquiridos ao longo da sua vida”<sup>61</sup>.*

Tendo em consideração a importância da participação dos alunos no processo de aprendizagem no decorrer da visita de estudo estes devem recolher a informação e o material necessários. Estes registos são importantes para o desenvolvimento da estratégia de consolidação de conhecimentos proposta pelo professor. A fase que se segue à visita, ou seja, a elaboração do trabalho de consolidação de conhecimentos, é encarada, pelos alunos, como o momento mais “aborrecido”. Contudo, este trabalho é fundamental não só para a consolidação de conhecimentos como também para reforçar a ideia que havia uma aula em curso. Neste trabalho final os alunos devem mobilizar os conteúdos da temática em estudo com a informação recolhida durante a visita evitando a simples descrição dos acontecimentos. A partir de uma análise crítica os aprendentes deverão produzir o seu próprio conhecimento “provando desta forma a perceção da visita de estudo como uma ferramenta de aprendizagem e de aquisição de competências e não (apenas) como um momento lúdico ou de socialização”<sup>62</sup>. Por outro lado, como salienta Sara Dias-Trindade, o aluno deve “construir por si próprio um conjunto de conhecimentos que lhe sejam verdadeiramente úteis não só durante o seu percurso mas depois de este ser concluído”<sup>63</sup>.

---

<sup>61</sup> Sara Dias-Trindade, op. cit., p. 146.

<sup>62</sup> Ana Isabel Ribeiro e Sara Dias-Trindade, op. cit., p. 120.

<sup>63</sup> Sara Dias-Trindade, op. cit., p. 29.

Na construção do conhecimento histórico não se pretende a reprodução da informação transmitida pelo professor e/ ou encontrada na *web*. Pretende-se, acima de tudo, uma análise crítica. Segundo Isabel Barca, a disciplina de História

*não se resume a uma mera descrição factual – ela envolve uma conceptualização mais elaborada, seja altamente indutiva, quando infere a partir de fontes, seja hipotético-dedutiva, quando envolve um conjunto de operações lógicas para decidir entre diferentes conclusões possíveis*<sup>64</sup>.

Em História existem várias explicações e conclusões possíveis, pois todo o conhecimento é provisório. De acordo com a autora atrás citada,

*O sentido de “provisório” em contraste com “definitivo” introduz um elemento de incerteza (num sentido lato) nas conclusões históricas. Esta ideia pressupõe um pensamento criativo por oposição a um pensamento reprodutivo, bem como o raciocínio sobre diversas possibilidades de interpretação histórica*<sup>65</sup>.

A importância das TDIC podem observa-se no momento da elaboração do trabalho de consolidação de conhecimentos. Para a realização deste trabalho apela-se ao uso destas ferramentas, tendo em vista uma aprendizagem individual autónoma<sup>66</sup>.

No decorrer da elaboração deste trabalho apela-se às pesquisas na *web*. Segundo David H. Jonassen,

*Os alunos têm de pesquisar e recolher informação relevante para preencherem a apresentação por si planeada, de seleccionar a informação mais importante e interpretá-la tendo em conta o meio que vão utilizar (...). Este processo de interpretativo exige que os alunos decidam a forma como*

---

<sup>64</sup> Isabel Barca, *O pensamento histórico dos jovens: ideias dos adolescentes a cerca da provisoriedade da explicação histórica*, Braga, Centro de Estudos em Educação e Psicologia/ Instituto de Educação - Universidade do Minho, 2000, p. 32.

<sup>65</sup> Id., *Ibidem*, p. 35.

<sup>66</sup> Sónia Cruz, op. cit., p. 140.

*a informação será representada (textos, gráficos, imagens, vídeo, áudio)''<sup>67</sup>.  
Porém e como já sublinhamos anteriormente é importante uma recolha de  
informação criteriosa e ponderada, evitando o facilitismo do copy and  
paste<sup>68</sup>.*

O trabalho final de consolidação de conhecimentos poderá ser publicado na *web*. A divulgação na *web* concentra várias vantagens. Quando notificados sobre a publicação do trabalho na *web* os alunos sentem-se mais motivados, facto que se traduz na responsabilidade e criatividade com que se dedicam à tarefa. O trabalho ao ser disponibilizado na *web* pode ser consultado pelos encarregados de educação ajudando a comprovar junto destes a importância e vantagens das tecnologias digitais no processo de ensino/ aprendizagem. Por fim, estamos a contribuir para a formação de jovens críticos e ativos da sociedade da informação<sup>69</sup>.

No decorrer do trabalho já tivemos oportunidade de afirmar que a literacia digital dos discentes se resume, em muitos casos, às redes sociais e às aplicações do *Microsoft Office*, nomeadamente, ao *Word* e ao *PowerPoint*. Ou seja, os alunos, por vezes, não reconhecem as potencialidades das ferramentas digitais e a sua importância em contexto de sala de aula. Transportando esta realidade para a sala de aula e para as visitas de estudo virtuais podemos verificar que decorrente da versatilidade daquelas ferramentas, os alunos, no decorrer da atividade proposta pelo professor, poderão navegar pelas redes sociais ou outros sites, destabilizando por vezes a restante turma.

Além das potencialidades pedagógico-didáticas das visitas de estudo virtuais não podemos deixar de destacar a sua importância no quadro das visitas de estudo presenciais. As VEV podem anteceder as visitas de estudo presenciais como estratégia de introdução. Segundo Carla Cristina de Carvalho,

*a VEV fornece aos estudantes uma visão geral do espaço a visitar,  
permitindo chamar a atenção para aspetos que terão de observar aquando  
da deslocação ao local, de forma a evitar dispersões que reduzem a eficácia  
da atividade<sup>70</sup>.*

---

<sup>67</sup> David H. Jonassen, op. cit., p. 245.

<sup>68</sup> Sónia Cruz, op. cit., p. 90.

<sup>69</sup> Id., *Ibidem*, pp. 113-114.

<sup>70</sup> Carla Cristina de Carvalho, *Visitas de Estudo Virtuais: contributos para uma outra aprendizagem da História na era da sociedade da informação* (relatório de estágio), Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 24.

Apesar do investimento no parque informático escolar verificado nas últimas duas décadas, muitas escolas não têm conseguido acompanhar as últimas novidades tecnológicas que circulam no mercado, isto é, há um intervalo demasiado grande entre as descobertas científicas e as suas aplicações. As últimas novidades tecnológicas, graças aos seus *softwares*, conseguem criar ambientes de aprendizagem ainda mais inovadores. A grande parte das dificuldades deve-se ao custo dos equipamentos. No caso particular das visitas de estudo é importante criar ambientes inovadores e dinâmicos. Clementina de Araújo Cruz elenca alguns constrangimentos associados às visitas de estudo virtuais que achamos importantes e passamos a citar

*nem todos os alunos possuem computador e nas escolas não existem computadores suficientes para todos os alunos. Outro motivo é que as escolas muitas das vezes não têm grandes velocidades de acesso à internet, o que dificulta a “entrada” em determinados locais virtuais, podendo em muitos casos a ligação à internet desligar-se. Há também instituições que oferecem visitas de pouco interativas baseadas em imagens estáticas em detrimento das imagens em 3D<sup>71</sup>.*

Em suma, é possível aliar o ensino da História às tecnologias digitais. Cabe ao professor rentabilizar o potencial pedagógico-didático das TDIC. As visitas de estudo virtuais permitem desenvolver formas diferentes de pensar e aprender e são, por vezes, a única hipótese de os alunos expandirem os seus horizontes.

---

<sup>71</sup> Clementina Araújo Cruz, *A importância das visitas de estudo no ensino da História* (relatório de estágio), Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020, p. 25.



## CAPÍTULO III

### METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO E DESCRIÇÃO DO ESTUDO

#### 1. A escolha do tema, a questão de investigação e os objetivos

Como estratégia didática escolhemos as visitas de estudo virtuais. A razão que nos levou à escolha desta estratégia foi essencialmente uma. Tendo em consideração o potencial pedagógico-didático das TDIC é possível viajar sem sair do conforto da sala de aula e conhecer locais que por determinadas razões, relacionadas com o tempo e com o espaço, não é possível visitar presencialmente.

A escolha desta estratégia didática prende-se também com o nosso à vontade em trabalhar o tema. Como referem Robert Bogdan e Sari Biklen,

*Em investigação, a autodisciplina só o pode levar até um certo ponto. Sem um toque de paixão pode não ter fôlego suficiente para manter o esforço necessário à conclusão do trabalho ou limitar-se a realizar um trabalho banal<sup>72</sup>.*

A questão de investigação que norteou o nosso estudo de caso foi a seguinte:

- Como é que as visitas de estudo virtuais contribuem para ambientes de aprendizagem estimulantes e inovadores, importantes no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de História no Ensino Secundário?

Para responder a esta questão elencamos os seguintes objetivos:

- Avaliar a motivação que a estratégia proporciona ao recorrer à realidade virtual através das ferramentas digitais;

- Identificar as potencialidades desta estratégia na construção de aprendizagens tendo em consideração a participação do aluno neste processo.

---

<sup>72</sup> Robert Bogdan e Sara Biklen, *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*, Porto, Porto Editora, 1994, p. 86.

## 2. Opções metodológicas

No decurso do nosso estudo optamos por uma metodologia qualitativa. Os registos escritos foram o principal suporte documental para desenvolvermos a nossa investigação. Ao longo da investigação registamos as impressões e as reações manifestadas pelos alunos no decorrer das aulas e especialmente no decorrer das atividades desenvolvidas relacionadas com a estratégia didática. Os questionários e os trabalhos de consolidação de conhecimentos desenvolvidos pelos alunos foram igualmente importantes.

No decorrer do nosso estudo a observação *in loco* das atividades desenvolvidas pelos alunos foi de suma importância. Com efeito, optamos por classificar o nosso estudo empírico como um estudo de caso. Nas palavras de Robert Bogdan e Sari Biklen “o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduos, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”<sup>73</sup>. Os dados recolhidos foram registados naquilo que apelidamos de “diário de bordo”.

Desde o início da Prática Pedagógica Supervisionada tivemos a preocupação de registar as informações da realidade observada (observação naturalista). No momento das aplicações didáticas reforçamos a nossa atenção (observação participante). No decorrer de todo este processo contamos com a colaboração do professor orientador e colegas estagiários (observação participativa)<sup>74</sup>.

Segundo Robert Bogdan e Sari Biklen, o trabalho do investigador qualitativo é, em muitos casos, solitário<sup>75</sup>. No nosso estudo não nos deparamos com essa realidade, pois recorremos à ajuda do professor orientador e dos colegas estagiários, nomeadamente nos momentos em que estávamos mais ocupados com a execução das atividades. No final da aula registávamos as informações recolhidas pelo professor orientador e colegas estagiários. O trabalho de equipa pode ser, de facto, gratificante e produtivo.

Os dados são uma peça fundamental numa investigação qualitativa. Os dados são os elementos recolhidos no decorrer do estudo. São considerados dados os elementos recolhidos pelo investigador, bem como os diários, fotografias, documentos oficiais e artigos de jornais<sup>76</sup>.

---

<sup>73</sup> Robert Bogdan e Sara Biklen, *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*, cit., p. 89.

<sup>74</sup> Clara Pereira Coutinho, *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*, Coimbra, Almedina, 2011, p. 27.

<sup>75</sup> Robert Bogdan e Sara Biklen, op. cit., p. 108.

<sup>76</sup> Robert Bogdan e Sara Biklen, op. cit., p. 149.

Há diferentes tipos de dados. No nosso estudo de caso recorreremos sobretudo às notas de campo. As notas de campo são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo”<sup>77</sup>. Estes registos devem se pautar pelo detalhe, precisão e extensão<sup>78</sup>. Numa primeira fase as notas de campo não passam de registos (por vezes distribuídos) por folhas dispersas. Numa segunda fase esses registos devem ser datilografados no computador. E numa terceira fase devem ser analisados com especial atenção. A análise

*envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros. Em última análise, os produtos finais da investigação constam e livros, artigos, comunicações e planos de acção. A análise de dados leva-o das páginas de descrições vagas até estes produtos finais*<sup>79</sup>.

Contudo, as notas de campo continuam a ser importantes no momento da redação do texto final, pois podem ser mobilizadas para garantir a verificação das conclusões. Segundo Luísa Aires,

*A verificação das conclusões faz também parte do processo de análise de informação. A investigação qualitativa, como qualquer método científico, tem de assegurar a validade das constatações e inferências que apresenta. Por isso, o desenvolvimento de técnicas específicas que assegurem a plausibilidade, robustez e validade dos resultados dos projetos de pesquisa constitui uma grande preocupação para os metodólogos qualitativos*<sup>80</sup>.

Após a recolha, organização e análise dos dados é importante proceder à leitura da bibliografia mais indicada sobre o tema em estudo<sup>81</sup>. Apesar das peculiaridades de cada

---

<sup>77</sup> Id., *Ibidem*, p. 150.

<sup>78</sup> Id., *Ibidem*, p. 150.

<sup>79</sup> Id., *Ibidem*, p. 205.

<sup>80</sup> Luísa Aires, *Paradigma educativo e práticas de investigação qualitativa*, Lisboa, Universidade Aberta, 2011, pp. 53-54.

<sup>81</sup> Robert Bogdan e Sara Biklen, op. cit., p. 215.

investigação encerra a contextualização através da leitura e análise da bibliografia é de suma importância.

As tecnologias digitais são uma ferramenta importante no decorrer deste processo<sup>82</sup>. Como já afloramos na introdução deste relatório nos últimos anos a importância das TDIC tem ganhado contornos cada vez mais nítidos. A investigação qualitativa não escapa a esta onda. O computador (e também os *tablets*, por exemplo) pode assumir-se como o principal depósito da investigação qualitativa. As vantagens das TDIC, mais concretamente do computador, na investigação qualitativa são notáveis.

### **3. Instrumentos de recolha de informação**

O “diário de bordo” foi o nosso principal instrumento de recolha de informação. Ali registamos as informações importantes para a elaboração deste estudo empírico. No decorrer das aulas (e das trocas de impressões que fomos tendo com o professor orientador e com os colegas estagiários) foi possível conhecer a turma (relembramos o 10º X) e as suas dinâmicas. Essas informações foram registadas no “diário de bordo”. No decorrer das visitas de estudo em que estávamos mais atentos à gestão da atividade contamos com a colaboração do professor orientador e colegas estagiários.

Os questionários também foram um instrumento de recolha de informação importante. Foram realizados, no total, quatro questionários *online* (no *Google Forms*). O primeiro questionário tinha como principal objetivo conhecer o perfil tecnológico dos alunos e a sua perceção sobre o uso das TDIC na sala de aula<sup>83</sup>. Este questionário era composto por 6 questões de resposta aberta. As questões incidiam sobre a relação dos jovens com as tecnologias digitais e procuraram conhecer a perceção que os mesmos tinham sobre a utilização daquelas ferramentas na aula de História. O segundo questionário (realizado no final da primeira visita de estudo), composto apenas por uma questão de resposta aberta, pretendia analisar o interesse dos alunos em visitar presencialmente a Sé do Funchal<sup>84</sup>. O terceiro questionário (realizado no decorrer da segunda visita de estudo), composto por 5 questões de escolha múltipla, incidia sobre a história da Companhia de Jesus e a importância dos jesuítas no ensino da matemática em Portugal<sup>85</sup>. Este questionário também tinha como objetivo garantir que os alunos estavam efetivamente concentrados na atividade em curso,

---

<sup>82</sup> Id., *Ibidem*, p. 239.

<sup>83</sup> Cf. Anexo 9.

<sup>84</sup> Anexo 10.

<sup>85</sup> Anexo 11.

pois as questões exigiam a mobilização dos conteúdos trabalhados naquele momento. O quarto questionário (realizado no final da segunda visita de estudo), composto apenas por uma questão de resposta aberta, pretendia conhecer o interesse dos alunos em visitar presencialmente a “Aula da Esfera” no antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e o Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra)<sup>86</sup>.

Os trabalhos de consolidação de conhecimentos (em formato *PowerPoint*) desenvolvidos pelos alunos foram igualmente importantes. Através destes trabalhos (realizados no âmbito das duas visitas de estudo) pretendíamos analisar a forma como os alunos articulavam a informação recolhida no decorrer da atividade com os conteúdos programáticos. Nestes trabalhos os alunos deviam igualmente mobilizar a informação encontrada nas inúmeras páginas da *World Wide Web*. No âmbito da primeira visita de estudo propusemos a realização de um vídeo, mas os alunos recusaram esta proposta, com efeito optamos pelo trabalho em formato *PowerPoint*. Para a realização destes trabalhos, indicamos na plataforma *Classroom* algumas orientações, a saber, *sites* a consultar, organização do *PowerPoint* e número de slides<sup>87</sup>.

No próximo capítulo dedicar-nos-emos à análise das informações recolhidas com a merecida atenção.

#### **4. Organização das visitas de estudo**

No decorrer da Prática Pedagógica Supervisionada realizamos duas visitas de estudo virtuais (tabela 1).

---

<sup>86</sup> Anexo 12.

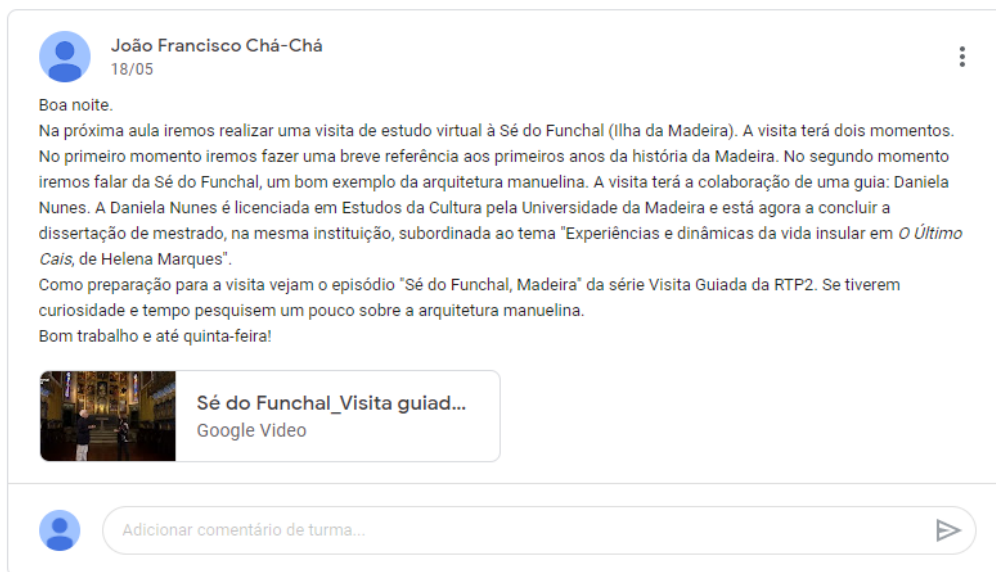
<sup>87</sup> Anexo 13.

<b>Módulo</b>	<b>Unidade</b>	<b>Subunidade</b>	<b>Tema</b>	<b>Local</b>
3. A abertura europeia ao Mundo – mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI	3. A produção cultural	3.3. A reinvenção das formas artísticas	O manuelino	Sé do Funchal
3. A abertura europeia ao Mundo – mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI	4. A renovação da espiritualidade e religiosidade	4.2. Contra Reforma e Reforma Católica	Os jesuítas e o ensino	Colégio de Santo Antão-o-Novo  Museu Nacional Machado de Castro

**Tabela 1:** Temas em que decorreram as VEV.

A primeira visita de estudo realizou-se no contexto da unidade “3.3. A reinvenção das formas artísticas”. A partir desta visita foi possível conhecer um dos melhores exemplos da arquitetura manuelina em Portugal: a Sé do Funchal. Através da plataforma *Skype* e com a colaboração de uma guia os alunos puderam percorrer não só o interior daquele templo religioso e contemplar as suas formas artísticas, como também tiveram a oportunidade de conhecer a estátua do primeiro capitão do Funchal, João Gonçalves Zarco, que remonta aos primórdios da colonização do arquipélago madeirense.

Sendo a visita de estudo uma atividade intencionalmente planeada<sup>88</sup> na aula que antecedeu a atividade notificamos os alunos sobre a realização da visita de estudo virtual. Mais tarde também notificamos os alunos através *Classroom*. Recomendamos a visualização do episódio “Sé do Funchal, Madeira” da série *Visita Guiada* da RTP 2 (disponibilizado no *Classroom*). Foi também solicitado aos alunos que fizessem uma pequena investigação sobre a arquitetura manuelina (figura 4).



**Figura 4** – Notificação sobre a realização da visita de estudo à Sé do Funchal.

No dia da VEV distribuámos um guião pelos alunos com algumas informações sobre a atividade<sup>89</sup>. Neste documento identificamos o trajeto da nossa visita, elencamos os principais marcos da colonização do arquipélago da Madeira e da História do templo em estudo e sugerimos o suporte em que devia ser apresentado o trabalho final de consolidação de conhecimentos. Este guião era, assim, a prova de que havia uma aula em curso.

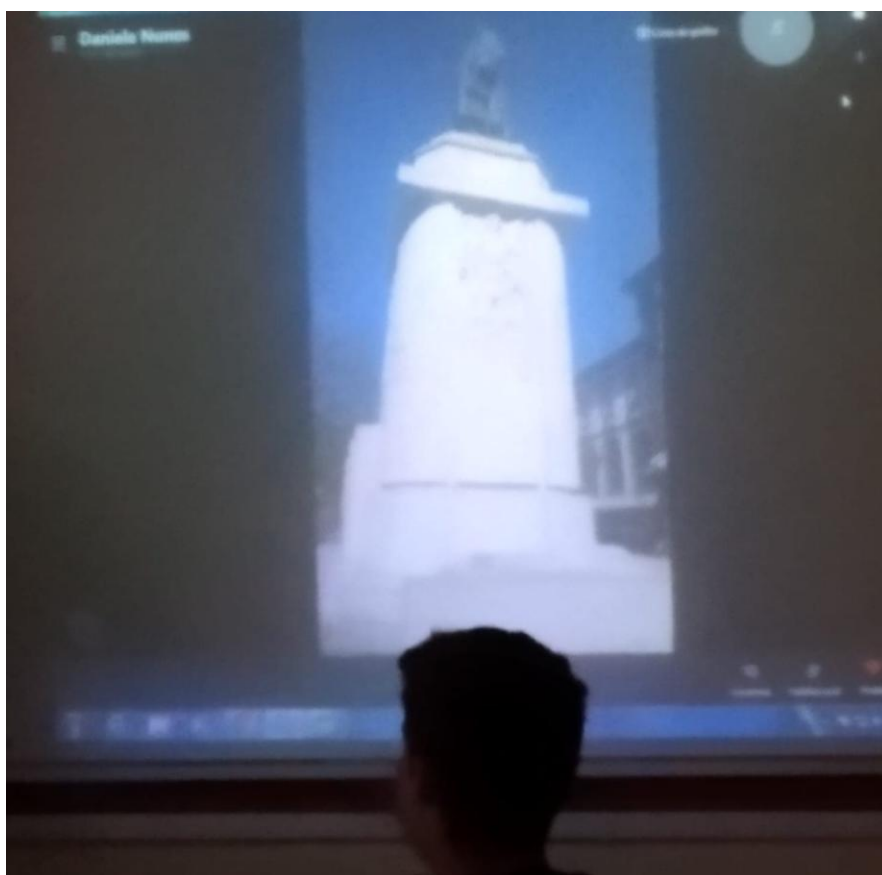
No início da visita de estudo chamamos a atenção dos alunos para a importância de registar alguns apontamentos no decorrer da visita. Estes registos seriam importantes para o trabalho a realizar após a atividade como estratégia de consolidação de conhecimentos. Alguns alunos ficaram reticentes quando lhes foi solicitada esta tarefa, pois partiram do princípio de que a aula tinha terminado quando iniciamos esta atividade. Ou seja, os alunos ainda estão familiarizados com as metodologias mais tradicionais não reconhecendo o potencial pedagógico-didático de outras estratégias menos conservadoras. No decorrer das

<sup>88</sup> Maria Manuela Viegas Abreu op. cit., p. 155

<sup>89</sup> Cf. Anexo 14.

aulas nos momentos em que mobilizávamos as tecnologias digitais os alunos confundiam a sala de aula com locais de encontros sociais.

Para a realização da VEV optamos pela estratégia proposta por Sónia Cruz: a visita de estudo em tempo real<sup>90</sup>. Com efeito, recorremos à videoconferência através da plataforma *Skype*. A visita teve a colaboração de uma guia responsável pela primeira parte da visita onde foram abordadas algumas temáticas relacionadas com os primórdios da colonização do arquipélago madeirense tendo como referência a estátua de João Gonçalves Zarco (situada a poucos metros do Catedral em estudo) (figura 5). A visita de estudo permitiu, assim, articular outros conteúdos igualmente importantes com a temática em estudo.



**Figura 5** – Estátua de João Gonçalves Zarco. **Foto:** André Rodrigues.

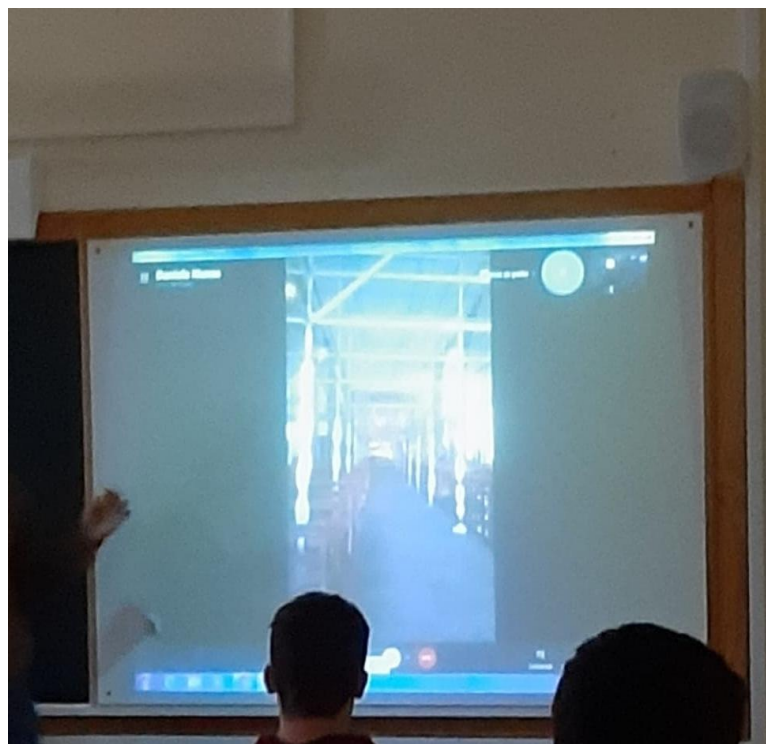
A segunda parte da visita contou com a colaboração da guia, mas desta vez apenas responsável pela parte técnica da atividade. Na segunda parte da visita percorremos o interior (figura 6) e o exterior (figura 7) da Sé do Funchal e destacamos as principais características da arquitetura manuelina. Chamamos a atenção para o seguinte facto: não foi possível observar o

---

<sup>90</sup> Sónia Araújo, op. cit., p. 102.



teto em estilo mudéjar (único em Portugal), pois decorriam obras de restauro. Porém, foi uma oportunidade para chamar a atenção dos alunos para a necessidade de preservar e conservar o património edificado.

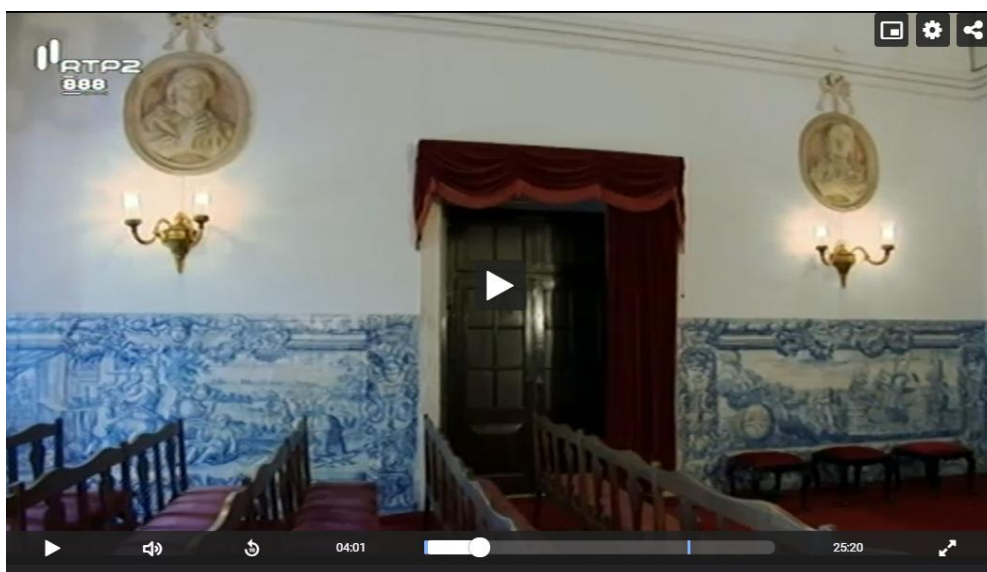


**Figura 6** – Nave central da Sé do Funchal. **Foto:** André Rodrigues.



**Figura 7** – Braço do transepto. **Foto:** André Rodrigues.

No âmbito da unidade “4.2. Contra Reforma e Reforma Católica” realizamos uma VEV à “Aula da Esfera” do antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (atual Hospital de São José) e ao MNMC. A atividade começou com a visualização de um excerto do episódio “Sala da Aula da Esfera, no Hospital de São José; e Museu da Marinha” da série *Visita Guiada* da RTP 2 (figura 8). Na segunda parte da atividade os alunos através dos seus *smartphones* puderam percorrer uma pequena galeria do MNMC onde estão expostos os “azulejos que ensinam” (figura 9). Esta visita foi importante para conhecer a importância que os padres inicianos tiveram no ensino da matemática.

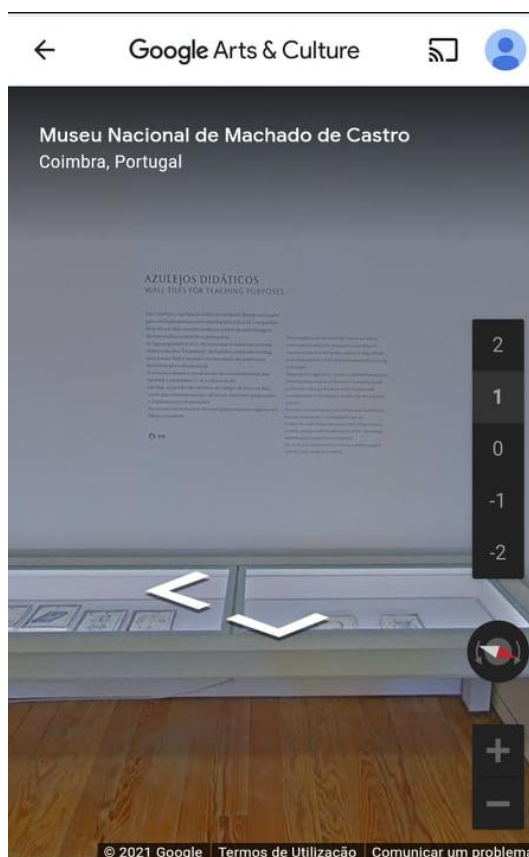


**Figura 8** - Visita Guiada (RTP 2) - "Sala da Aula da Esfera, no Hospital de São José; e Museu da Marinha".

A organização desta atividade respeitou, em parte, a estrutura da visita de estudo anterior. Na aula que antecedeu a visita notificamos os alunos sobre a realização da visita. Tivemos também a atenção de disponibilizar no *Classroom* um documento com algumas orientações e instruções<sup>91</sup>: tempo da visita (35 minutos), equipamentos necessários (*smartphones*) e atividade de consolidação de conhecimentos (trabalho em suporte *PowerPoint*).

---

<sup>91</sup> Cf. Anexo 15.



**Figura 9** – *Google Arts and Culture* - Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra).

Segundo Sónia Cruz as visitas de estudo virtuais “podem utilizar informação em diferentes tipos de formatos: texto, imagens (fotografias/ desenhos), som (música, testemunhos, discursos), vídeo, mapas para localização geográfica, etc.”<sup>92</sup>. Com efeito, optamos pelo vídeo e recorremos a um trecho do episódio “Sala da Aula da Esfera, no Hospital de São José; e Museu da Marinha” da série *Visita Guiada* da RTP 2. A dinâmica da série, como o próprio nome sugere, insere-se no espírito da estratégia didática por nos adotada.

Recordando, mais uma vez, que havia uma aula em curso no decorrer da VEV solicitamos aos alunos que preenchessem um pequeno questionário na plataforma *Google Forms*. O questionário, como já referimos no ponto “3. Instrumentos de recolha de informação”, tinha como principal objetivo garantir que os alunos estavam efetivamente concentrados na atividade em curso.

A segunda parte da atividade exigia um maior envolvimento dos alunos. A partir da aplicação *Google Arts and Culture* (disponível em *Android* e *iOS*) solicitamos aos alunos que

---

<sup>92</sup> Sónia Cruz, op. cit., p. 101.

percorressem uma exposição do Museu Nacional Machado Castro onde estão expostos os “azulejos que ensinam”. A partir dos seus *smartphones* os alunos deviam partir à descoberta. Solicitamos aos alunos que recolhessem algumas informações para mais tarde incorporar no trabalho de consolidação de conhecimentos. Esta informação foi incorporada no guião de trabalho e no decorrer da atividade fizemos algumas questões.

## CAPÍTULO IV - APLICAÇÃO DIDÁTICA

### 1. Os jovens e as TDIC

Tendo em consideração a importância que as TDIC assumem na concretização da nossa aplicação didática procedemos ao levantamento de dados através de um questionário online (no *Google Forms*) para conhecer o perfil tecnológico dos alunos e a sua perceção sobre o uso das TDIC na sala de aula. Apenas responderam ao questionário 14 alunos.

<b>Computador com acesso à internet</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Sim	13	92,9
Não	1	7,1

**Tabela 2:** Computador com acesso à internet (n=14).

Quanto à posse de um computador com acesso à *internet*, 13 alunos (92,9%) possuem e um aluno não (7,1%) (tabela 2). Contudo, este aluno afirmou ter acesso à *internet*. No âmbito dos programas desenvolvidos nos últimos anos (sob a tutela, por exemplo, do Ministério da Educação) vários jovens em idade escolar passaram a possuir um computador (portátil ou de secretária) com acesso à *internet*<sup>93</sup>.

A esmagadora maioria dos alunos que atualmente frequenta a escolaridade obrigatória (e mais concretamente o 3º ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário) vive rodeada de vários dispositivos tecnológicos. Apesar do potencial pedagógico-didático das novas tecnologias alguns alunos apresentam certas dificuldades em reconhecer a importância destes equipamentos no processo de aprendizagem.

<b>TDIC como ferramenta de estudo</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Sim	13	92,9
Não	1	7,1

**Tabela 3:** TDIC como ferramenta de estudo (n=14).

<sup>93</sup> Sara Dias-Trindade e Joaquim Ramos de Carvalho, op. cit., p. 46.

A grande maioria dos alunos (92,9 %) considera as TDIC uma boa ferramenta de estudo (tabela 3). Apenas um aluno tem uma opinião contrária àquela. Entre as justificações apresentadas pelos alunos predominam duas grandes ideias: o fácil e rápido acesso à informação, e a possibilidade de desenvolver estratégias inovadoras. Os alunos percebem a *web* (apenas) como um grande repositório de informação de fácil e rápido acesso. O aluno 4 afirmou o seguinte: “encontramos vários tipos de informação facilmente”. Através das TDIC também é possível desenvolver estratégias mais dinâmicas capazes de atrair a atenção dos alunos. Nas palavras do aluno 16 “é uma atividade diferente capta mais a nossa atenção e nós aprendemos mais”.

<b>Funções de utilização do computador</b>	<b>F</b>	<b>%</b>
Estudar	6	42,9
Fazer trabalhos escolares	8	57,1
Lazer (jogar, música, filmes, vídeos)	8	57,1
Outras (procurar informações, navegar na <i>web</i> )	2	14,3

**Tabela 4:** Funções de utilização do computador (n=14).

A utilização do computador é, sobretudo, para fazer trabalhos escolares (57,1 %) e atividades de lazer (57,1%). Uma percentagem considerável (42,9 %) utiliza o computador como ferramenta de estudo (42,9%) (tabela 4).

As tecnologias digitais fazem parte do quotidiano dos alunos e são uma ferramenta de trabalho e de estudo. A partir destes dados é impossível pensar o mundo educacional sem equacionar a presença das TDIC. Contudo, não obstante, tendo em consideração os dados analisados no parágrafo anterior e a importância que as novas tecnologias assumem no processo de aprendizagem é imperativo promover a literacia digital dos jovens aprendentes.

Aplicações para realização de trabalhos escolares	F	%
<i>Classroom</i>	4	28,6
<i>Google</i>	2	14,3
<i>Word</i>	9	64,3
<i>PowerPoint</i>	6	42,9

**Tabela 5:** Aplicações utilizadas na realização de trabalhos escolares (n= 14).

Quanto às aplicações utilizadas na realização de trabalhos escolares a esmagadora maioria dos alunos respondeu *Word* (64,3%). Logo atrás está o *PowerPoint* (42,9%) (tabela 5). Apesar de a maioria dos jovens viver rodeada pelas novas tecnologias a sua literacia digital resume-se às redes sociais e às aplicações do *Microsoft Office*, ou seja, *Word* e *PowerPoint*. Os trabalhos realizados pelos alunos no decorrer do ano letivo traduzem aquela realidade. A esmagadora maioria dos alunos utilizava o *Word* e/ ou o *PowerPoint* para realizar os trabalhos de consolidação de conhecimentos (vulgarmente conhecidos como “trabalhos para casa”).

Estratégias de aprendizagem	F	%
<i>Kahoot</i>	9	64,3
Manual	4	28,6
<i>PowerPoint</i>	5	35,7
Visitas de estudo virtuais	2	14,3
Filmes	4	28,6
<i>Mentimeter</i>	1	7,1
Vídeos	2	14,3

**Tabela 6:** Ferramentas de aprendizagem que os alunos preferem (n=14).

A esmagadora maioria dos alunos respondeu *Kahoot* (64,3%). A seguir segue-se apresentações em formato *PowerPoint* (35,7%). Uma minoria (14,3%) respondeu visitas de estudo virtuais (tabela 6).

O interesse dos alunos pela aplicação *Kahoot* prende-se sobretudo com o lado lúdico desta ferramenta e por se inserir numa lógica de gamificação.

## 2. A arquitetura manuelina: visita de estudo virtual à Sé do Funchal

A nossa primeira aplicação didática realizou-se no âmbito da subunidade “A arte em Portugal: o gótico-manuelino e a afirmação das novas tendências renascentistas”. Esta subunidade incide sobre a arte europeia dos séculos XV e XVI. Enquanto na Itália floresciam novas tendências artísticas ligadas ao Renascimento, em Portugal permanecia a influência dos modelos de arquitetura gótica. A arte deste período é conhecida como manuelino. Com efeito, optamos por visitar a Sé do Funchal. Este templo religioso é considerado um dos melhores exemplos da arquitetura manuelina.

Através de alguns comentários registados no nosso “diário de bordo” podemos aferir que a generalidade dos alunos aderiu à visita movida sobretudo pela novidade da atividade. Isto é, o facto de a turma estar em contacto direto com um elemento estranho (a guia) foi um fator de motivação, sobretudo nos momentos de interação. O aluno 14, incrédulo, perguntou o seguinte: “Estamos mesmo em videochamada?”. Contudo, a par deste interesse pelo lado lúdico da atividade verificamos um desinteresse quase generalizado pelos conteúdos programáticos. No decorrer da atividade os alunos não colocaram questões e revelaram grandes dificuldades em concentrar-se na atividade. Apesar das chamadas de atenção do professor orientador, as conversas paralelas eram constantes. Ou seja, apesar de os jovens abraçarem as novas tecnologias têm dificuldade em reconhecer o potencial pedagógico-didático das mesmas.

Como estratégia de consolidação de conhecimentos foi solicitado, numa primeira fase, que os alunos desenvolvessem um pequeno vídeo. Nas palavras de Sónia Cruz, existem diferentes ferramentas

*mas todas elas atribuem ao aluno um papel novo: o de construtor da sua aprendizagem e o de produtor online. Com as tecnologias, poder-se-á planear um ensino diferente, mais próximo dos alunos, um ensino que tenha significado real para eles, a razão pela qual um professor se esforça*<sup>94</sup>.

Este vídeo devia consistir na articulação da informação recolhida no decorrer da atividade com a informação encontrada na *web*. A partir de uma análise crítica os alunos deveriam produzir o seu próprio conhecimento “provando desta forma a perceção da visita de estudo como uma ferramenta de aprendizagem e de aquisição de competências e não (apenas)

---

<sup>94</sup> Sónia Cruz, *Ibidem*, p. 140.



como um momento lúdico ou de socialização”<sup>95</sup>. Porém, os alunos manifestaram o seu desagrado em relação à realização deste vídeo, argumentando não dominar as TDIC e sugeriram um trabalho em suporte *PowerPoint*. A atitude dos alunos corrobora os autores citados por Adelina Moura “os alunos não possuem um conhecimento profundo das tecnologias, limitando-se o seu uso a funções básicas, desconhecendo como a tecnologia pode ajudar na aprendizagem e na resolução de problemas”<sup>96</sup>. Devido à obstinação dos alunos optamos pela sua proposta: trabalho em suporte *PowerPoint*.

Para a elaboração do trabalho de consolidação de conhecimentos sugerimos algumas pesquisas na *web* (contempladas nas orientações disponibilizadas na plataforma *Classroom*). Segundo David H. Jonassen,

*Os alunos têm de pesquisar e recolher informação relevante para preencherem a apresentação por si planeada, de seleccionar a informação mais importante e interpretá-la tendo em conta o meio que vão utilizar (...). Este processo de interpretativo exige que os alunos decidam a forma como a informação será representada (textos, gráficos, imagens, vídeo, áudio)*<sup>97</sup>.

Tivemos a preocupação de indicar alguns *sites* onde os alunos pudessem encontrar informação mais adequada sobre o templo religioso em estudo. Apesar do potencial das novas tecnologias o professor não pode abdicar da sua função de orientar os alunos na construção da sua aprendizagem.

Os trabalhos entregues estavam, no geral, muito incompletos, destacando-se apenas um caso em que o trabalho estava ao nível do excelente. A maioria dos alunos não seguiu as indicações e não conseguiu mobilizar os conteúdos transmitidos no decorrer da VEV com a informação disponível nos *sites* indicados. Houve alguns alunos que recorreram ao facilitismo do *copy and paste*. Ou seja, no cômputo geral os alunos não revelam hábitos e métodos de trabalho. Os alunos percecionam a *web* como uma grande enciclopédia de fácil acesso. Sobre o *copy and paste* Ana Amélia Carvalho afirma o seguinte:

*o que se tem vindo a verificar é os alunos a copiarem e colarem integralmente textos da web ou de uma enciclopédia digital e entregarem*

---

<sup>95</sup> Ana Isabel Ribeiro e Sara Dias-Trindade, *Ibidem*, p. 120.

<sup>96</sup> Adelina Moura, op. cit., p. 326.

<sup>97</sup> David H. Jonassen, op. cit, p. 245.

*estes trabalhos como se de originais se tratasse. Esta cultura pode instaurar-se se os professores, identificando o plágio, não alertarem os alunos sobre a forma como proceder*<sup>98</sup>.

David H. Jonassen também destaca esta realidade ao afirmar que

*uma geração de alunos está a aprender a utilizar a www como uma enciclopédia eletrónica, dondo copia (um processo facilitado), em vez de construir e representar as suas próprias ideias*<sup>99</sup>.

Na correção dos trabalhos (e no decorrer das aulas) chamamos a atenção dos alunos para a questão do plágio.

As visitas de estudo virtuais podem anteceder as visitas de estudo presenciais como estratégia de introdução. Com efeito, foi pedido aos alunos que respondessem a um segundo questionário *online* (no *Google Forms*) sobre se ficaram ou não interessados em visitar (presencialmente) a Sé do Funchal. Na sala estavam presentes 17 alunos. Seis alunos (58,8%) ficaram interessados em visitar o principal tempo religioso da ilha da Madeira. Entre os argumentos apresentados os alunos foram unânimes em destacar o valor arquitetónico do templo religioso. Através destas respostas podemos afirmar que estes alunos reconheceram o potencial das tecnologias digitais na aula de História, pois tiveram a oportunidade de viajar sem sair do conforto da sala de aula. O aluno 13 afirmou o seguinte: “Sim, é uma Sé recheada de história é muito bonita e ornamentada”. Apenas um aluno (5,9%) não ficou interessado em visitar a Sé do Funchal. Porém, não apresentou uma justificação. Os restantes 6 alunos (35,3%) não responderam à questão, facto que revela o seu desinteresse por este tipo de atividades.

### **3. Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra)**

A segunda VEV realizou-se no âmbito da subunidade “O impacto da reforma católica na sociedade portuguesa”. Esta VEV foi importante para conhecer o impacto da Companhia

---

<sup>98</sup> Ana Amélia Carvalho, op. cit., p. 245.

<sup>99</sup> David H. Jonassen, op. cit., p. 31.

de Jesus no ensino da matemática. No antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (atual Hospital de São José) funcionou a conhecida “Aula da Esfera”. A “Aula da Esfera” foi durante séculos um polo de transmissão de conhecimento. Os inicianos também introduziram inovações ao nível da didática da matemática. No MNMC estão aqueles que podem ser considerados os primeiros slides de uma apresentação em formato *PowerPoint*: os azulejos que ensinam.

No decorrer da atividade verificamos um desinteresse quase generalizado. Alguns alunos manifestaram algumas dificuldades em aceder à aplicação *Google Arts and Culture* e outros aproveitaram a oportunidade para consultar outros *sites* e plataformas, destabilizando o normal funcionamento da aula. A atitude dos alunos corrobora os autores citados por Adelina Moura: “os alunos não possuem um conhecimento profundo das tecnologias, limitando-se o seu uso a funções básicas, desconhecendo como a tecnologia pode ajudar na aprendizagem e na resolução de problemas”<sup>100</sup>. Segundo Andy Hargreaves, “em muitos sentidos, a sociedade do conhecimento é, sobretudo, uma sociedade do divertimento”<sup>101</sup>. Isto é, os alunos demonstram dificuldade em reconhecer o potencial pedagógico-didático das tecnologias digitais e das estratégias desenvolvidas na sala de aula que façam uso destas ferramentas. Esta atitude insere-se no comportamento normal da turma perante as tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem.

No final da atividade pedimos aos alunos que se organizassem em grupos para proceder à elaboração do trabalho de consolidação de conhecimentos. Alguns alunos não concordaram com a realização do trabalho argumentando que tendo realizado o teste de consolidação de conhecimentos a realização de outro elemento de avaliação era dispensável. Ou seja, os alunos ainda estão habituados às formas tradicionais de avaliação assentes na realização de provas finais escritas. Segundo Sónia Cruz “não podemos deixar de sublinhar o facto de estar enraizado, também nos alunos, que é o somatório das fichas de avaliação que atribuiu uma classificação final”<sup>102</sup>. Apesar de o modelo de avaliação adotado pelo professor orientador ir mais ao encontro dos pressupostos da avaliação formativa e de ao longo do ano letivo salientarmos em diferentes momentos a importância que as todas as tarefas realizadas em sala de aula tinham na avaliação final, os alunos continuam a preferir a avaliação sumativa.

Antes dos alunos iniciarem o trabalho (e de acordo com as indicações disponibilizadas no *Classroom*) relembramos aos alunos que o trabalho final iria ser disponibilizado na

---

<sup>100</sup> Adelina Moura, op. cit., p. 326.

<sup>101</sup> Andy Hargreaves, op. cit., p. 60.

<sup>102</sup> Andy Hargreaves, op. cit., p. 20.

plataforma *SlideShare*. De acordo com Sónia Cruz o conhecimento produzido pelos alunos “não deve ficar reservado às paredes da aula”. Segundo aquela autora o conhecimento produzido pelos alunos quando disponibilizado *online* facilita o seu acesso aquando da consolidação de conhecimentos no momento do estudo<sup>103</sup>. Ana Amélia Carvalho também chama a atenção para esta realidade. Segundo esta autora os trabalhos publicados na *web* ficam disponíveis não só para a escola como também para a comunidade de cibernautas e os alunos ficam satisfeitos e orgulhosos ao verem os seus trabalhos disponibilizados na *web*<sup>104</sup>. Contudo, os alunos não concordaram com a ideia proposta. O aluno 23 afirmou inclusivamente o seguinte: “Apenas gosto de pesquisar a informação dos sites, não quero publicar os meus trabalhos”. Ou seja, os alunos percebem a *web* como um grande repositório onde a informação está facilmente disponível. Foram organizados cinco grupos, mas apenas três grupos entregaram o trabalho final. Esta atitude comprova o desinteresse dos alunos por esta atividade.

A esmagadora maioria dos alunos respondeu ao questionário (95,4%). Apesar das dificuldades detetadas, a maioria dos alunos conseguiu responder acertadamente a todas as perguntas, esta atividade acabou por contribuir para o enriquecimento académico dos alunos.

As visitas de estudo virtuais podem (como já tivemos a oportunidade de salientar) anteceder as visitas de estudo presenciais como estratégia de introdução. Com efeito, no final da atividade questionamos os alunos sobre o seu interesse em visitar (presencialmente) a “Aula da Esfera” no antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo e o MNMC. Seis alunos responderam “sim” (75%). Um aluno respondeu “não” (12,5%) e outro “talvez” (12,5%). Os alunos não se alongaram em muitas justificações destacando, apenas, a estética dos espaços visitados. O aluno 23 afirmou o seguinte “Sim pois é um edifício de grande beleza”.

No decorrer da atividade (sobretudo na segunda parte) verificamos que parte da turma não estava concentrada na atividade em curso. Alguns discentes revelaram alguma falta de atenção e concentração. As conversas paralelas no decorrer da atividade prejudicaram, em parte, o sucesso da atividade em curso. Porém, alguns alunos estavam empenhados e atentos.

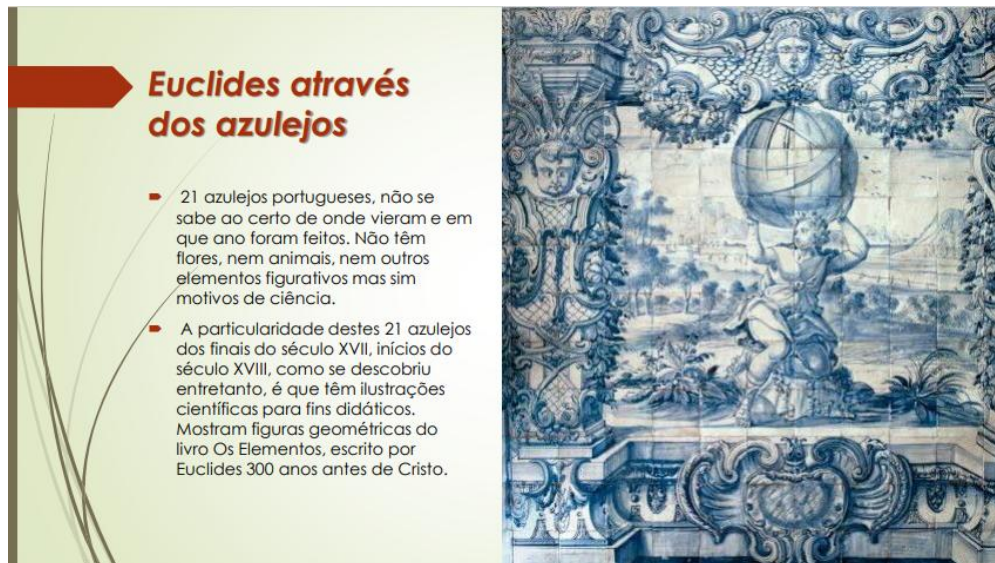
A segunda parte da atividade exigia um maior envolvimento dos alunos. Estes através dos seus *smartphones* deviam partir à descoberta. Os alunos, apesar de viverem rodeados de tecnologia digital, ainda denotam algumas dificuldades em utilizar essas ferramentas no seu processo de aprendizagem.

---

<sup>103</sup> Id., *Ibidem*, pp. 128-129.

<sup>104</sup> Ana Amélia Carvalho, op. cit., p. 246.

Os três trabalhos entregues estão ao nível do excelente (figuras 10, 11 e 12). É importante ressaltar que estes trabalhos são dos alunos com melhor aproveitamento académico. Nesses trabalhos, os alunos foram capazes de mobilizar as informações transmitidas ao longo da atividade com as informações disponíveis na *web*. Ou seja, os alunos tiveram a capacidade de transformar a informação recolhida em conhecimento.



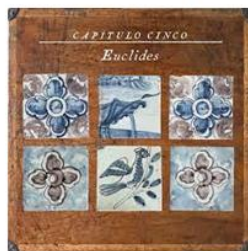
**Figura 10** – Grupo I, os azulejos que ensinam (*PowerPoint*).



**Figura 11** – Grupo II, os azulejos que ensinam (*PowerPoint*).

## Euclides através dos azulejos

- ▶ “Euclides através dos azulejos” foi uma história interpretada em 21 azulejos, que eram as personagens principais. Estes foram feitos entre o século XVII e XVIII, tendo ilustrações científicas e geométricas do livro “Os Elementos”, escrito por Euclides 300 anos antes de Cristo.



**Figura 12** – Grupo III, os azulejos que ensinam (*PowerPoint*).

## CONCLUSÃO

Este relatório assumiu como objetivo fulcral conhecer as potencialidades pedagógico-didáticas das visitas de estudo virtuais. Nos próximos parágrafos vamos responder à questão de investigação elaborada no início do estudo empírico tendo como referência os três objetivos elencados.

Na planificação e elaboração das aulas e dos materiais didáticos uma das nossas grandes preocupações prendia-se com a importância de não ministrar um saber essencialmente compendiário. Enquanto (futuros) profissionais intelectuais é do nosso interesse mobilizar novos conteúdos e diferentes visões dos temas em estudo. A concretização deste desiderato foi possível através da mobilização e articulação de diversos materiais e estratégias didáticas e da leitura da bibliografia mais atualizada. No âmbito desses materiais e estratégias didáticas foi possível, por exemplo, explorar o potencial pedagógico-didático das tecnologias digitais. Nas palavras de Sara Dias-Trindade,

*o uso da tecnologia na aula de História pode contribuir para tornar o passado mais próximo dos alunos e, conseqüentemente, fazer com que estes se consigam motivar para a sua aprendizagem e até mesmo desenvolver a curiosidade de procurar mais informação fora da sala de aula<sup>105</sup>.*

No âmbito do nosso estudo empírico conseguimos, em parte, ir ao encontro daquela realidade, pois em determinados momentos os alunos não conseguiram identificar as potencialidades das TDIC no processo de aprendizagem. Contudo, preferimos pensar sobre as TDIC na sala de aula de forma não conflituosa, mas sim como complementos frequentemente articulados e não necessariamente antagónicos.

O presente ano letivo continuou marcado pela pandemia da COVID 19. Com efeito a maioria das atividades elencadas no Plano Individual de Formação não se concretizaram. Contudo, através de algumas conversas de carácter formal e informal que mantivemos com o professor orientador (e também com os colegas estagiários) e das poucas atividades não letivas que tivemos a oportunidade de participar foi possível conhecer alguns aspetos importantes relacionados com o mundo educacional e com o funcionamento organizacional da escola.

---

<sup>105</sup> Sara Dias-Trindade, op. cit., pp. 197-198.

Nesta fase final do trabalho não podemos deixar de sublinhar a atualidade das palavras escritas por Hannah Arendt na década de 50 do século passado e já mencionadas no início deste relatório: “Pense-se o que se pensar, o professor é ainda aquele que sabe mais e que é mais competente”<sup>106</sup>. Com o advento das tecnologias digitais e com facilidade com que é possível aceder à informação disponível na *web* emergiram algumas narrativas que questionam a existência da profissão docente. De acordo com essa narrativa “está tudo na *web*”. Contudo, a escola e os professores são importantes nas sociedades contemporâneas. Há um conjunto de saberes que só é possível encontrar na escola junto dos professores.

A economia do conhecimento também desencadeia aspetos perversos e nocivos. Com efeito e segundo Andy Hargreaves,

*um sistema forte de educação pública não é apenas parte integrante de uma economia do conhecimento próspera: é também um elemento vital para protecção e para o fortalecimento da democracia, de modo a permitir a construção do espírito comunidade e o desenvolvimento do carácter. Hoje, mais que nunca, os professores deveriam ser não só catalisadores da economia baseada no conhecimento, mas também contrapontos essenciais dessa economia, construindo e preservando a democracia pública e comunitária que existe paralela à sociedade do conhecimento e que é ameaçada por ela*<sup>107</sup>.

A questão de investigação que norteou o nosso estudo empírico foi a seguinte:

- Como é que as visitas de estudo virtuais contribuem para ambientes de aprendizagem estimulantes e inovadores, importantes no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de História no Ensino Secundário?

Para responder a esta questão elencamos os seguintes objetivos:

- Avaliar a motivação que a estratégia proporciona ao recorrer à realidade virtual através das ferramentas digitais;

- Identificar as potencialidades desta estratégia na construção de aprendizagens tendo em consideração a participação do aluno neste processo.

---

<sup>106</sup> Hannah Arendt, op. cit., p. 192.

<sup>107</sup> Andy Hargreaves, op. cit., p. 82.



No decorrer da Prática Pedagógica Supervisionada tivemos a oportunidade de realizar duas visitas de estudo virtuais: “A arquitetura manuelina: visita de estudo virtual à Sé do Funchal” e “Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra)”. Ambas as atividades foram organizadas pelo professor. Porém, no decorrer das visitas tivemos a preocupação de estimular a participação dos alunos colocando, por exemplo, questões. O envolvimento dos alunos na atividade era importante. Como destaca Maria Manuela Viegas Abreu “É por e para eles [os alunos] que a visita de realiza.”<sup>108</sup>.

Na primeira visita de estudo, embora motivados sobretudo pelo fator novidade e lúdico da visita, os alunos aproveitaram este momento para socializar. Alguns alunos ficaram inclusive incrédulos com o facto de a turma estar em contacto direto via *Skype* com a guia. Contudo, não foi possível canalizar essa motivação para o processo de ensino-aprendizagem. Os alunos não reconhecem o potencial pedagógico-didático das tecnologias digitais. Na segunda parte da atividade em que se exigia o uso do *smarthphone* alguns alunos aproveitaram o momento para consultar outros *sites* e plataformas.

A segunda visita de estudo foi importante, sobretudo, para a consolidação dos conhecimentos lecionados na aula anterior. No decorrer da atividade era visível o alheamento de alunos pela atividade em curso. Podemos apontar duas razões que justificam esta atitude. Primeira razão, os alunos aproveitaram, sobretudo a segunda parte da atividade que exigia o acesso ao *smarthphone*, para consultar outros *sites* e plataformas. Segunda razão, os alunos tendo já realizado o teste final de avaliação de conhecimentos não viram interesse algum nesta atividade. Porém, a esmagadora maioria dos alunos conseguiu responder acertadamente ao questionário.

No final da atividade, e como estratégia de consolidação de conhecimentos propusemos aos alunos a elaboração de um trabalho. No âmbito da primeira atividade o trabalho deveria consistir na elaboração de um pequeno vídeo. Contudo, tivemos de optar pelo *PowerPoint*. O trabalho final da segunda visita também deveria ser elaborado naquela plataforma. Para a elaboração do trabalho final os alunos deviam mobilizar as notas retiradas no decorrer da atividade. Além dessas informações também foi sugerido que fizessem algumas pesquisas na *web*. A maioria dos alunos recorreu ao facilitismo do *copy and paste*. Contudo, alguns alunos seguiram, de facto, as orientações e conseguiram articular os

---

<sup>108</sup> Maria Manuela Viegas Abreu, op. cit., p. 157.

conteúdos lecionados no decorrer da visita de estudo com a informação disponível nos *sites* por nós recomendados e o resultado final foi excelente.

A questão do *copy and paste* foi discutida ao longo do ano letivo e chamamos a atenção dos alunos para os problemas daí decorrentes. Apesar da informação estar disponível e acessível na *web* os alunos não podem se apropriar dela como fosse da sua autoria.

A influência das TDIC é sentida de várias maneiras, mas no nosso entender os alunos denotam alguma dificuldade em reconhecer o potencial pedagógico-didático destas ferramentas. No contexto das duas aplicações didáticas concluímos que os alunos demonstraram alguma dificuldade em participar ativamente na atividades propostas.

Em contextos futuros temos de ter em consideração a organização da atividade e participação dos alunos neste processo. A participação dos alunos nas atividades desenvolvidas na sala de aula é importante. Essa participação passa pela elaboração dos guias e de outros materiais. No âmbito do 10º X em que verificamos desde o início da Prática Pedagógica Supervisionada algumas dificuldades em realizar as tarefas propostas optamos por ser nós a organizar as atividades. Com efeito, sendo a organização da atividade nossa responsabilidade tivemos de investir na elaboração dos materiais.

O sucesso destas atividades também passa pelo material tecnológico disponível. No âmbito do nosso estudo empírico não tivemos dificuldades relacionados com a utilização das ferramentas disponíveis, contudo as escolas e as entidades responsáveis tem de começar a apostar na renovação do parque informático. A importância das TDIC já não se resume a um computador na sala de aula com acesso estável à internet. No contexto das visitas de estudo virtuais a realidade virtual, nomeadamente as imagens em 3D, oferecem outra possibilidade de explorar, por exemplo, um museu. É um investimento exigente, mas as escolas não podem perder o passo e têm de começar a apostar nos novos suportes tecnológicos.

Em suma, apesar de verificarmos alguma dificuldade em atingirmos os objetivos delineados, as visitas de estudo virtuais são uma estratégia pedagógico-didática importante. O sucesso desta estratégia passa, em parte, pela relação que os alunos estabelecem com as tecnologias digitais. O potencial das TDIC não termina com a elaboração de apresentações em formato *PowerPoint*. As escolas também têm de começar a apostar nas tecnologias digitais, mas sem nunca esquecer a importância do professor na organização e gestão do ato educativo.

## **DOCUMENTAÇÃO**

Circular Informativa 1/ 2017 (maio de 2017) - Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares.

*Lei de Bases do Sistema Educativo.*

*Aprendizagens Essenciais (10.º ano).*

*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.*

## BIBLIOGRAFIA

Abreu, Maria Manuela – “As visitas de estudo no ensino da História” in *Revista Portuguesa de Pedagogia*, n.º 6, 1972, pp. 145 – 178.

Aires, Luísa – *Paradigma educativo e práticas de investigação qualitativa*. Lisboa, Universidade Aberta, 2011 (*e-book*).

Almeida, António – *Visitas de Estudo: Conceções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

Arendt, Hannah – *Entre o Passado e o Futuro: oito exercícios sobre o pensamento político*. Lisboa: Relógio d'Água, 2006.

Barca, Isabel – “Aula Oficina: do Projeto à Avaliação” in *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Organização Isabel Barca. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEd)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, pp. 131 – 144.

Barca, Isabel – “Educação histórica” in *Historiografias portuguesa e brasileira no século XX: olhares cruzados*. Organização João Paulo Avelãs Nunes e Américo Freire. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, pp. 315 – 333.

Barca, Isabel – *O pensamento histórico dos jovens: ideias dos adolescentes a cerca da provisoriedade da explicação histórica*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia/ Instituto de Educação - Universidade do Minho, 2000.

Bogdan, Robert Bogdan e Biklen, Sara – *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

Carvalho, Ana Amélia – “A Word Wide Web e o ensino da História” in *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Organização Isabel Barca. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEd)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, pp. 233 – 251.

Carvalho, Carla Cristina Fernandes de – *Visitas de Estudo Virtuais: contributos para uma outra aprendizagem da História na era da sociedade da informação* (relatório de estágio). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012.

Coutinho, Clara Pereira Coutinho – *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Coimbra, Almedina, 2011.

Cruz, Clementina Maria Pires Domingues de Araújo – *A importância das visitas de estudo no ensino da História* (relatório de estágio). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020.

Cruz, Sónia – *Proposta de um Modelo de Integração das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Práticas Lectivas: o aluno de consumidor crítico a produtor de informação online* (tese de doutoramento). Braga: Instituto de Investigação e Psicologia - Universidade do Minho, 2009.

Damião, Maria Helena Damião – “A figura do “(novo) filantropismo empresarial” na “(nova) narrativa do currículo da escola pública” in *Estudos do Século XX*, v. 21, 2021, 19-35.

Dias-Trindade, Sara – *O passado na ponta dos dedos: o mobile learning no ensino da História no 3.º CEB e no Ensino Secundário* (tese de doutoramento). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015.

Dias-Trindade, Sara e Carvalho, Joaquim Ramos de – *História, tecnologias digitais e mobile learning: ensinar História na era digital*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

Dias-Trindade, Sara e Mill, Daniel – “Educação em tempos de humanidades digitais: algumas aproximações” in *Educação e humanidades digitais: aprendizagens, tecnologias e cibercultura*. Organização Sara Dias Trindade e Daniel Mill. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, pp. 9 – 23.

Dias-Trindade, Sara, Ferreira, António Gomes e Moreira, José António – “Panorâmica sobre a história da Tecnologia na Educação na era pré-digital: a lenta evolução tecnológica nas

escolas portuguesas desde finais do século XIX até ao início do ensino computadorizado” in *Práxis Educativa*, v. 16, 2021, pp. 1 – 20.

Endres, João Tarcisio – *Contributo das TIC para o ensino-aprendizagem na disciplina de História* (relatório de estágio). Braga: Instituto de Educação - Universidade do Minho, 2019.

Faria, Higinio Afonso Abreu – *Escultura Arquitetónica na Sé do Funchal: das formas e temas do gótico tardio à simbólica manuelina do poder* (dissertação de mestrado). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013.

Gago, Marília – “Consciência e Narrativa Histórica: desafios educativos aos professores” in *Revista Acadêmica Licencia&acturas*, vol. 3, n.º 2, julho/dezembro, 2015, pp. 26 – 35.

Hargreaves, Andy – *O Ensino na Sociedade do Conhecimento: a educação na era da insegurança*. Porto: Porto Editora, 2003.

Jonassen, David. H. – *Computadores, ferramentas cognitivas: desenvolver o pensamento crítico nas escolas*. Porto: Porto Editora, 2007.

Kant, Immanuel – *Sobre a Pedagogia*. Lisboa, Edições 70, 2020.

Lencastre, José Alberto e Araújo, Maria – “Impacto das tecnologias em contexto educativo formal” in *Revista galego-portuguesa de psicoloxía e educación*, vol. 1, 2007, pp. 624 – 632.

Monteiro, Angélica; Moreira, J. António; Almeida, Ana Cristina – *Educação Online: pedagogia e aprendizagem em plataformas digitais*. Santo Tirso: De Facto, 2012.

Moura, Adelina – “Promoção da literacia digital através de dispositivos móveis: experiências no ensino profissional” in *Literacia, Media e Cidadania - Livro de Atas do 4.º Congresso*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade - Universidade do Minho, 2017, pp. 324 – 336.

Nunes, João Paulo Avelãs e Ribeiro, Ana Isabel Sampaio – “A didáctica da História e o perfil do professor de História” in *Revista Portuguesa de História*, t. XXXIX, 2007, pp. 87 – 105.

Oliveira, Hélder – “As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida” in *XIII Coloquio Ibérico de Geografía – respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual*. Coordenação Dominic Royé, et. al.. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2012, pp. 1680 – 1687.

Ribeiro, Ana Isabel; Dias-Trindade, Sara – “As visitas de estudo guiadas por *tablets*: da teoria à construção de um roteiro digital” in *A Formação Inicial de Professores: Reflexos Didáticos*. Coordenação Ana R. Luís, Adélia Nunes, Cristina Mello, Judite Carecho, Ana Isabel Ribeiro. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, pp. 111 – 131.

Santos, Ricardo Manuel Rodrigues dos – *A Batalha de Aljubarrota no Ensino da História. Novas interpretações e abordagens pedagógicas* (relatório de estágio). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2019.

Santos, Valério Nuno da Silva – *Viagens pela minha terra: as visitas de estudo no contexto da História Local e Regional* (relatório de estágio). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2019.

Savater, Fernando – *O valor de educar*. Lisboa: Dom Quixote, 2006.

Silva, Bento Duarte da – “As tecnologias de informação e comunicação nas reformas educativas em Portugal” in *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 14, n.º 2, 2001, pp. 111 – 153.

Valenzuela, Andrés Palma e Damião, Maria Helena – “Da “Narrativa” Humanista à Educação Humanista - uma análise do currículo escolar da contemporaneidade” in *Revista Educação e Emancipação*, v. 11, n.º 2, maio/agosto 2018, pp. 11 – 33.

# **ANEXOS**



## ANEXO 1 – Plano Individual de Formação



### Plano Individual de Formação

**Docente:** João Santo

**Discente:** João Francisco Chá-Chá

Quando visitei a Escola Básica e Secundária José Falcão no dia 6 de outubro de apercebi-me do quão desafiante seria o estágio. Espero estar à altura dos novos desafios e desempenhar com profissionalismo a prática docente tendo sempre em consideração o interesse dos alunos.

Aos normais desafios decorrentes do estágio acrescentam-se a situação que o país (e o Mundo) atravessa. Alguns projetos tiveram que ser ajustados às novas exigências. Como estratégia didática há muito que vinha pensado nas visitas de estudo presenciais e o contacto com alunos nestes últimos tempos serviu para comprovar o quão gratificante seria essa experiência. Porém, o projeto inicial teve de ser ligeiramente modificado e surgiu a ideia de trabalhar as visitas de estudo virtuais.

Nas próximas linhas estão agrupados os objetivos que me proponho a cumprir com o apoio dos meus colegas e com orientação dos professores. Estes objetivos são o resultado dos conhecimentos adquiridos ao longo da Licenciatura em História e das unidades de didática da História (Construção do Ensino e da Aprendizagem em História e Historiografia, Deontologia e Didática da História) do 1.º ano do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do EB e no ES, bem como das primeiras impressões retiradas do contacto com as duas turmas (10.º Línguas e Humanidades e 11.º Artes Visuais).

No capítulo da minha ação pedagógica irei realizar as seguintes atividades:

- Exercer a atividade docente nas turmas 10º e 11º ;
- Assistir a todas as aulas do orientador, do 10º ano e do 11ºano;

- Planificar e lecionar os tempos letivos previstos e exigidos pelo Plano Anual Geral de Formação (32 tempos de 50 minutos), e tantos quanto o professor orientador permitir para além destes;
- Fazer avaliação formativa;
- Corrigir testes;
- Corrigir trabalhos de casa;
- Utilizar todos os recursos que considero pertinentes, no âmbito da sala de aula, com a finalidade de promover uma aprendizagem dinâmica e eficaz;
- Elaborar matrizes, testes e respetivos critérios de avaliação (em todo ou em parte);
- Elaborar um banco de perguntas de exame nacional de História A e História da Cultura e das Artes;
- Elaborar um banco de matrizes de preparação para os exames nacionais.
- Participar ativamente no Plano Anual de Atividades e no Projeto de Cidadania interdisciplinar das turmas de 10º e 11º ano que nos foi atribuída;
- Participar em algumas das várias reuniões que são realizadas no Âmbito escolar, consoante a autorização do orientador e da direção;
- Didatizar o tema de relatório e aplica-lo;
- Disponibilidade para participar nas atividades programadas pelo departamento de ciências humanas e sociais;
- Participação nas atividades extracurriculares de teor social, sendo estas:
  - Dia do Patrono (1 de Junho);
  - Dia 25 de Abril;
  - Dia 10 de Dezembro.
- Organizar conferências/ debates acerca de assuntos atuais ou relevantes:
  - 25 de Abril.
- Participação em atividades previstas no Plano Anual de Atividades:
  - Dia do Patrono (1 de Junho);
  - Dia 25 de Abril;
  - Dia 10 de Dezembro.
- Direção de turma e autoavaliação do agrupamento;
- Participar nas reuniões do departamento de ciências sociais e humanas;
- Participar nas reuniões do grupo disciplinar de História.

No âmbito da minha ação pessoal e social irei:

- Procurar promover sempre a formação humana dos discentes que me são confinados.
- Educar para o saber ser, saber estar e saber fazer.
- Ajudar os alunos a prepararem-se para a vida em sociedade, utilizando as várias matérias abordadas em sala de aula para promover reflexões acerca da atualidade e do presente em que vivemos.

**ANEXO 2** – Enquadramento geral dos temas desenvolvidos ao longo do ano letivo

<b>Disciplina</b>	<b>Módulo</b>	<b>Unidade</b>	<b>Subunidade</b>	<b>Tema</b>
HST A	1	2. O modelo romano	2.2. A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática	O urbanismo romano
	2	1. A identidade civilizacional da Europa Ocidental	1.1. Poderes e crenças – multiplicidade e unidade	O feudalismo
		2. O espaço português – a consolidação de um reino cristão ibérico	2.3. O país rural e senhorial	O regime senhorial
			2.4. O poder régio, fator estruturante da coesão interna	A monarquia feudal portuguesa
		3. Valores, vivências e quotidiano	3.1. A experiência urbana	O ensino da Idade Média: as universidades
	3	2. O alargamento do conhecimento do mundo	-	O experiencialismo
		3. A produção cultural	3.3. A reinvenção das formas artísticas	A arte do renascimento: a arquitetura
				O manuelino
		4. A renovação da espiritualidade e religiosidade	4.2. Contra Reforma e Reforma Católica	O impacto da reforma católica na sociedade portuguesa

				Os jesuítas e o ensino
HCA	10	9. As últimas décadas do século XX	9.2. Para além do Funcionalismo: os caminhos da arquitetura contemporânea	A arquitetura pós-moderna

**Tabela 1:** Temas desenvolvidos nas disciplinas de História A e História e Cultura das Artes.

## ANEXO 3 – Planificações a curto prazo

### 1

Escola: Escola Básica 2, 3 c/ Secundário José Falcão	Tempo de aula: 50 minutos X 100 minutos	Aula nº:	Sumário: O urbanismo romano: entre o pragmatismo e a monumentalidade.
	Domínio: O Modelo Romano	Data: 16/11/2020	
Professor (estagiário): João Francisco Chá-Chá	Unidade: Roma, cidade ordenadora de um império urbano	Conceitos trabalhados: Urbanismo, pragmatismo, monumentalidade.	
Disciplina/ Ano/ Turma: História A/ 10º/ B	Subunidade: A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática		

Conteúdos	Aprendizagens a realizar/ Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
Urbanismo romano	Compreender o pragmatismo romano.	Recorrendo à definição de pragmatismo do manual o professor vai aprofundar este conceito e a forma como ele se materializou.	Manual da disciplina.	Avaliação oral.
	Compreender a história e organização da cidade romana: (i) fundação; (ii) influências gregas e etruscas. (iii) planta ortogonal;	Análise a figura 2 do documento 13 (p. 90).  Visualização de um excerto do filme <i>Cleopetra</i> de Joseph L. Mankiewicz de forma os alunos compreenderem a	Manual da disciplina.  Projetor multimédia.	



	(iv) monumentalidade.  Destacar a centralidade do fórum, considerado o "coração da cidade romana".  Reconhecer a importância do: (i) aqueduto; (ii) teatro; (iii) anfiteatro; (iv) circo; (v) termas.  As casas de habitação: <i>domus</i> e <i>insula</i> .	monumentalidade dos edifícios romanos.  Leitura e interpretação do texto de Plauto da p. 91.  Visualização de algumas passagens do filme <i>Ben-Hur</i> de William Wyler (1959) de forma aos alunos compreenderem a máxima <i>pane et circenses</i> ('pão e circo').  Análise do documento 17 do manual.	Manual da disciplina.  Projetor multimédia.  Manual da disciplina.  A aula será concluída com um comentário, feito pelos alunos, de um pequeno excerto retirado da obra <i>História do Urbanismo</i> de Jean-Louis Harouel.	
--	---	--	---	--

<b>Escola:</b> Escola Básica 2, 3 c/ Secundário José Falcão	<b>Tempo de aula:</b> 50 minutos 100 minutos X	<b>Aula n°:</b>	<b>Sumário:</b> A Idade Média Ocidental: aspectos sociais e económicos.
	<b>Domínio:</b> A identidade civilizacional da Europa Ocidental	<b>Data:</b> 12/01/2021	
<b>Professor (estagiário):</b> João Francisco Chá-Chá	<b>Unidade:</b> 1.1. Poderes e crenças – multiplicidade e unidade	<b>Conceitos trabalhados:</b> Ruralização, Império, Feudalismo, Senhorios.	
<b>Disciplina/ Ano/ Turma:</b>	<b>Subunidade:</b> A multiplicidade de poderes		

Conteúdos	Aprendizagens a realizar/ Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
1. A Idade Média nasce da convergência de duas culturas. Por um lado a cultura germânica (força das armas) e por outro lado a cultura romana (prática da governação).	1. Reconhecer os dois principais pilares da Idade Média Ocidental: herança clássica e cultura germânica.	1. Exploração dos conteúdos lecionados nas aulas anteriores.	1. PowerPoint Diálogo	Avaliação oral
2. A partir do século V assistimos à ruralização do Ocidente. O “terror” das invasões bárbaras “empurram” as pessoas para os campos. Porém, as cidades não morreram. As próprias cidades acompanham este processo de ruralização.	2. Compreender a fuga das cidades para os campos e “sobrevivência” das cidades.	2. Exploração dos conteúdos lecionados nas aulas anteriores.	2. PowerPoint Diálogo	

3. A ideia de império não morreu em 476. A coroação de Carlos Magno em 800 representa a vontade de recuperar a ideia de império.	3. Reconhecer a importância da coroação de Carlos Magno em 800 e renascimento do sentido de majestade.	3. Audição de um <i>podcast</i> da RTP Ensina sobre a coroação de Carlos Magno.	3. PowerPoint Diálogo	
4. A nova organização social medieval.	4. Destacar as ordens sociais medievais: <i>oratores, bellatores e laboratores</i> .	4. Análise de um esquema onde estão representadas as três ordens sociais.	4. PowerPoint Diálogo	
5. A fragmentação política abre espaço ao surgimento de “poderes intermédios”, os denominados senhorios. Estes senhorios eram os donos da terra. Esta terra era explorada pelos camponeses. O tratado feudo-vassálico.	5. Relacionar a regressão majestade do governo com o surgimento dos senhorios.	5. Leitura e comentário de um excerto retirado da obra <i>Guerreiros e camponeses: os primórdios do crescimento económico europeu (séc. VII – XII)</i> de Georges Duby.	5. Power-point Diálogo	

3

 REPÚBLICA PORTUGUESA EDUCAÇÃO	<b>Agrupamento de escolas de Miranda do Corvo</b> <b>Ano letivo 2020/ 2021</b> <b>História A 10º ano</b> <b>E@D -Plano de Aula</b>	 Agrupamento de Escolas Miranda do Corvo
--	---	---

<b>Nome:</b>	<b>Nº:</b>
--------------	------------

O regime senhorial em Portugal: os reguengos, coutos e honras. Os privilégios do senhor e a exploração económica dos domínios. As raízes do centralismo em Portugal.	25 de fevereiro de 2021
--	-------------------------

**Cronograma:**

09:30 – Apresentação da aula/ registo de presenças.

09:40 – Aula síncrona com recurso a PowerPoint e documentos presentes no manual.

10:40 – Visualização de um vídeo sobre o centralismo em Portugal, seguida da tarefa a realizar em aula assíncrona.

**Objetivos de aprendizagem:**

- Compreender a organização do regime senhorial.
- Situar a localização dos senhorios.
- Reconhecer as especificidades do regime senhorial.
- Relacionar a organização do regime senhorial em Portugal com o centralismo político-administrativo do Portugal do século XXI.



**Recursos:**

- Manual (pp. 56 – 61).
- PowerPoint.
- Audiovisual (Alberto João Jardim, Centro das Conversas - *Jornal da Madeira*).

**Tarefa.**

Elabora um texto em que expliques as características do regime senhorial português e como é que as suas especificidades se mantêm vivas no século XXI.



 REPÚBLICA PORTUGUESA EDUCAÇÃO	<b>Agrupamento de escolas de Miranda do Corvo</b> <b>Ano letivo 2020/ 2021</b> <b>História A 10º ano</b> <b>E@D -Plano de Aula</b>	 Agrupamento de Escolas Miranda do Corvo
---	---	--

<b>Nome:</b>	<b>Nº:</b>
--------------	------------

<b>Sumário:</b> - Os concelhos (conclusão). - A monarquia feudal: rei e senhores. - A guerra como fator de legitimação.	11 de março de 2021
--	---------------------

**Cronograma:**

09:30 – Apresentação da aula/ registo de presenças.

09:40 – Aula síncrona com recurso a PowerPoint e documentos presentes no manual.

10:40 – Realização da tarefa em aula assíncrona.

**Objetivos de aprendizagem:**

- Compreender a organização dos concelhos.
- Compreender as características da monarquia feudal.
- Destacar a importância da guerra como fator de legitimação.

**Recursos:**

- Manual (pp. 78 – 87).
- PowerPoint.

**Tarefa.**



Escreve uma pequena biografia sobre um dos seguintes monarcas:

- D. Afonso Henriques
- D. Sancho I

**Importante: destacar as características da monarquia feudal e a importância da guerra como fator de legitimação.**

**Recomendações:**

- Página do *Word* (A4).
- Letra *Calibri (Corpo)*, tamanho 12, espaçamento entre linhas 1,5.
- *Reis de Portugal*, RTP Ensina (<https://ensina.rtp.pt/artigo/os-reis-de-portugal/>).

	<b>Agrupamento de escolas de Miranda do Corvo</b> <b>Ano letivo 2020/ 2021</b> <b>História A 10º ano</b> <b>E@D -Plano de Aula</b>	
---	---	---

<b>Nome:</b>	<b>Nº:</b>
--------------	------------

<b>Sumário:</b> - O ensino na Idade Média: elementar, complementar e superior. - As universidades na Idade Média. - A primeira universidade portuguesa.	08 de abril de 2021
--	---------------------

**Cronograma:**

09:30 – Apresentação da aula/ registo de presenças.

09:40 – Aula síncrona com recurso a PowerPoint e documentos presentes no manual.

10:40 – Leitura de um excerto do *Eclesiastes* (Ecl 3:1-8) seguida da atividade a desenvolver no tempo assíncrono.

**Objetivos de aprendizagem:**

- Relacionar a importância do estudo e do conhecimento no contexto do ressurgimento urbano e do processo de centralização do poder régio.
- Situar no tempo e no espaço as primeiras universidades.
- Compreender a importância do estudo na Idade Média.
- Destacar os principais aspetos da vida académica.

**Recursos:**

- Manual (pp. 119 – 122).
- PowerPoint.

**Tarefa.**

Desenvolve um texto em que relaciones a importância do estudo com a prática de atividades de caráter lúdico na formação do indivíduo. Importante: ao longo do texto deves fazer referência, sempre que possível, aos conteúdos lecionados na aula.

**Recomendações**

Podes fazê-lo num documento escrito (Docs ou Word, Letra *Calibri (Corpo)*, tamanho 12, espaçamento entre linhas 1,5) ou numa apresentação (Slides ou PPT). Depois de concluído o trabalho, anexa o ficheiro e dá o trabalho como concluído na disciplina do Classroom!

<b>Escola:</b> Escola Básica e Secundária José Falcão	<b>Tempo de aula:</b> 50 minutos 100 minutos X	<b>Aula n.º:</b>	<b>Sumário:</b> A expansão marítima dos séculos XV e XVI. Um novo crítico de verdade: a observação. O experiencialismo. O contributo dos portugueses nas áreas da botânica, farmacopeia e medicina
	<b>Domínio:</b> A abertura europeia ao Mundo – mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI.	<b>Data:</b> 04/05/2021	
<b>Professor (estagiário):</b> João Francisco Chá-Chá	<b>Unidade:</b> O alargamento do conhecimento do Mundo.	<b>Conceitos trabalhados:</b> Observação e Experiencialismo.	
<b>Disciplina/ Ano/ Turma:</b>	<b>Subunidade:</b> Observação e descrição da Natureza		

Conteúdos	Aprendizagens a realizar/ Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
1. O conhecimento do Mundo na Idade Média. A herança clássica na construção da mundividência medieval. O desconhecido e as figuras fantásticas. O imaginário e o real nos relatos medievais. O Cabo Bojador: o limite do mundo conhecido.	1. Recordar a herança dos Clássicos na construção da mundividência medieval.	1. Através da exploração do PowerPoint com mapas e informações o professor pretende que os alunos recordem a herança dos Antigos na construção da mundividência medieval.	1. PowerPoint. Diálogo.	1. Avaliação oral.
2. A expansão marítima dos séculos XV e XVI enquanto motor para a	2. Compreender a importância da observação	2. Através da exploração do PowerPoint com imagens,	2. PowerPoint. Ficha de apoio:	

construção da ciência moderna. A “desmistificação do espaço e (...) a sua mais rigorosa compreensão e representação”. Afirmção de um novo saber: a observação da Natureza. O relato sobre povos, faunas, flores e fenómenos naturais sobre os quais ninguém tinha conhecimento ou ouvido falar.	no conhecimento do Mundo.	informações e mapas o professor pretende que os alunos compreendam a importância da observação no conhecimento da verdadeira configuração do Mundo.	excerto do artigo “Arte, técnica e ciência náutica no Portugal Moderno. Contributos da “sabedoria dos descobrimentos”.	
3. Duarte Pacheco Pereira e a importância da obra <i>Esmeraldo Situ Orbis</i> : o alargamento do conhecimento do mundo. Ao longo da obra o autor confronta dos novos conhecimentos com as teses dos intelectuais antigos e salienta a importância da observação.	3. Confrontar as ideias dos Antigos sobre a configuração do Mundo e o contributo dos navegadores portugueses no conhecimento da verdadeira configuração do Mundo	3. Através da leitura e comentário do excerto da obra <i>Esmeraldo Situ Orbis</i> o professor pretende que os alunos confrontem as ideias dos antigos sobre o mundo e o contributo dos portugueses na desmistificação do Mundo.	3. Manual, p. 31. Ficha de trabalho.	3. Avaliação escrita. Distribuição de uma ficha de apoio/ trabalho com um exercício a realizar pelos alunos. Segue junto à planificação as duas versões da ficha, uma para 22 alunos e uma segunda versão para um aluno que beneficia do PEI (Programa Educativo Individual).
4. O novo paradigma cultural do século XV e XVI assente na valorização da observação e não	4. Compreender o novo paradigma cultural.	4. Através da leitura e comentário da expressão “Digo que se sabe mais em hum dia	4. PowerPoint. Diálogo.	4. Avaliação oral.

<p>nos relatos dos intelectuais Antigos e medievais.</p> <p>5. A observação da Natureza e o experiencialismo: o saber empírico e a construção do conhecimento científico.</p>	<p>5. Definir o conceito de experiencialismo.</p> <p>5. Identificar as potencialidades e limitações do experiencialismo.</p>	<p>agora pelos Portuguezes do que se sabia em 100 anos pelos Romanos (...)” o professor pretende que os alunos compreendam o novo paradigma cultural.</p> <p>5. Através da leitura da expressão “E como quer que a experiência é madre das cousas, por ela soubemos radicalmente a verdade” o professor pretende que os alunos definam o conceito de experiencialismo.</p> <p>5. Através da leitura e comentário do excerto do artigo “Arte, técnica e ciência náutica no Portugal Moderno. Contributos da “sabedoria dos descobrimentos” para a ciência europeia” o professor pretende que os alunos identifiquem as potencialidades do experiencialismo no conhecimento do Mundo e as suas limitações.</p>	<p>5. Manual, p. 31. PowerPoint. Diálogo.</p>	<p>5. Avaliação oral.</p>
<p>6. Portugal nos séculos XV e XVI é um dos polos da cultura ocidental. As obras de Tomé de Pires, Amato Lusitano, Garcia de Orta e Cristóvão da Costa são um importante contributo para a botânica, farmacopeia e medicina. O estudo das plantas das plantas medicinais do Oriente.</p> <p>7. As novidades introduzidas pelos estudos daqueles intelectuais foram divulgadas e reproduzidas na Europa. A imprensa permitiu uma maior circulação do conhecimento. A Europa na senda do Renascimento.</p> <p>8. Nos séculos XV e XVI Portugal está na vanguarda do conhecimento. Porém, nesse período a Inquisição é fundada em Portugal. O Tribunal do Santo Ofício vai perseguir os homens ligados ao mundo das ciências.</p>	<p>6. Relacionar o experiencialismo com os progressos na área da botânica, farmacopeia e medicina.</p> <p>7. Relacionar a invenção da imprensa com a divulgação do conhecimento.</p> <p>8. Relacionar o impacto da Inquisição com o atraso científico português dos séculos XVII, XVIII e seguintes.</p>	<p>6. Através da exploração de um PowerPoint com imagens e informações o professor pretende que os alunos relacionem o experiencialismo com os progressos levados a cabo pelos botânicos, farmacêuticos e médicos portugueses dos séculos XV e XVI.</p> <p>7. Através da exploração de um PowerPoint com imagens e informações o professor pretende que os alunos relacionem a invenção da imprensa no século XV com a divulgação dos novos relatos sobre os territórios descobertos pelos portugueses.</p> <p>8. Exploração de um PowerPoint com imagens e informações para que os alunos relacionem a perseguição promovida pelo Tribunal do Santo Ofício contra os homens das ciências e as suas consequências.</p>	<p>6. PowerPoint. Diálogo.</p> <p>7. PowerPoint. Diálogo.</p> <p>8. PowerPoint. Diálogo.</p>	<p>6. Avaliação oral.</p> <p>7. Avaliação oral.</p> <p>8. Avaliação oral.</p>
<p>9. A importância da experiência segundo Duarte Pacheco Pereira: “E como quer que a experiência é madre das cousas, por ela soubemos radicalmente a verdade”.</p>	<p>9. Consolidar os conteúdos abordados ao longo da aula.</p>	<p>9. Através do debate em torno da afirmação de Duarte Pacheco Pereira o professor pretende, no final da aula, consolidar os conteúdos abordados reforçando a importância do experiencialismo como conceito estruturante do período em estudo.</p>	<p>9. Mentimeter. Smartphones. Redação do sumário.</p>	<p>9. Avaliação oral.</p>

**Nota:** Relativamente ao PASE (Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória) serão trabalhadas as competências de linguagem e textos, informação e comunicação, e pensamento crítico.

<b>Escola:</b> Escola Básica e Secundária José Falcão	<b>Tempo de aula:</b> 50 minutos X 100 minutos	<b>Aula n.º:</b>	<b>Sumário:</b> A Companhia de Jesus: a missionação e o ensino. O Índex. A Inquisição. A expulsão dos Judeus nos finais do século XV.
	<b>Domínio:</b> A abertura europeia ao Mundo – mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI.	<b>Data:</b> 14/06/2021	
<b>Professor (estagiário):</b> João Francisco Chá-Chá	<b>Unidade:</b> A renovação da espiritualidade e da religiosidade.	<b>Conceitos trabalhados:</b> Inquisição. Auto de Fé. Cristãos-novos.	
<b>Disciplina/ Ano/ Turma:</b>	<b>Subunidade:</b> O impacto da Reforma católica na sociedade portuguesa		

Conteúdos	Aprendizagens a realizar/ Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
1. Os jesuítas tiveram um papel importante na missionação e no ensino. No Oriente e no Brasil os jesuítas desempenharam um papel importante na conversão das populações indígenas. No campo do ensino os inicianos foram responsáveis pela introdução em Portugal do pensamento de Galileu Galilei. A <i>Aula da Esfera</i> em Lisboa e o ensino da matemática.	1.1. Destacar o papel dos jesuítas no espaço ultramarino português.  1.2. Identificar o potencial científico divulgado nos colégios jesuítas.	1.1. Através da exploração do PowerPoint o professor pretende que os alunos destaquem o papel dos jesuítas no espaço ultramarino português.  1.2. Através da leitura e análise de um excerto do artigo “Os Jesuítas em Portugal e a ciência: continuidades e ruturas (séculos XVI –XVIII)” o professor	1. PowerPoint. Diálogo	1. Avaliação oral.

2. O Índex de livros proibidos e Reforma Católica: controlo e vigilância.	2. Compreender a censura promovida pelo Índex no contexto da Reforma Católica.	pretende que os alunos identifiquem o potencial científico divulgado nos colégios jesuítas.  2. Através da exploração do PowerPoint o professor pretende que os alunos compreendam a censura promovida pelo Índex no contexto da Reforma Católica.	2. PowerPoint. Diálogo.	2. Avaliação oral.
3. Em 1536 mediante a bula <i>Cum ad nihil magis é</i> estabelecido em Portugal o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição. Tribunal do Santo Ofício: um tribunal com duplo estatuto (eclesiástico e régio). A Inquisição irá condenar ao degredo ou à fogueira os judeus, cristãos-novos e todos aqueles que fossem acusados de práticas de bruxaria, bigamia, sodomia e blasfêmia.	3.1. Compreender a organização e atuação do Tribunal do Santo Ofício.  3.2. Relacionar a reafirmação da doutrina no contexto do Concílio de Trento com a perseguição promovida contra os comportamentos e atitudes consideradas heréticas.	3. Através do PowerPoint o professor pretende que os alunos compreendam a organização e atuação do Tribunal do Santo Ofício.  3. 2. Através da leitura e análise de um excerto retirado da obra <i>Memorial do Convento</i> de José Saramago o professor pretende que os alunos relacionem a reafirmação da doutrina no contexto do Concílio de Trento com a perseguição promovida contra os comportamentos e atitudes consideradas heréticas.	3. PowerPoint. Diálogo.	3. Avaliação oral.
4.1 Em 1492 os judeus são	4.1. Compreender a	4.1. Através da exploração do	4. PowerPoint.	4. Avaliação oral.

<p>expulsos de Espanha. Muitos refugiam-se em Portugal mediante o cumprimento de algumas condições impostas pelo rei D. João II. Neste período (finais do século XV) os judeus são perseguidos e outros são convertidos à força: o surgimento dos cristãos-novos. Em 1496 D. Manuel I decreta a expulsão dos judeus de Portugal, impondo ao mesmo tempo, algumas regras que impediam a sua saída do reino. O monarca português tinha conhecimento potencial cultural e comercial deste povo</p> <p>5. Na obra <i>Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade</i>, o autor Boaventura de Sousa Santos considera que o atraso cultural, industrial e tecnológico português tem raízes no estabelecimento da Inquisição no século XVI.</p>	<p>política promovida por D. Manuel I no quadro das relações ibéricas e da importância dos judeus no panorama cultural e comercial português.</p> <p>5. Justificar se a expulsão dos judeus teve ou não consequências para o progresso científico, cultural e comercial de Portugal.</p>	<p>PowerPoint o professor pretende que os alunos compreendam a política promovida por D. Manuel I no quadro das relações ibéricas e da importância dos judeus no panorama cultural e comercial português.</p> <p>5.1. Através da leitura de um excerto da obra <i>Pela Mão de Alice. O social e o político na Pós-Modernidade</i> de Boaventura de Sousa Santos o professor pretende criar um ambiente de debate em que os alunos sejam capazes de justificar se a expulsão dos judeus no século XVI e o estabelecimento da Inquisição tiveram consequências para o progresso científico, cultural e comercial de Portugal.</p>	<p>Diálogo.</p> <p>5. PowerPoint. Diálogo. Ficha de apoio.</p>	<p>5. Avaliação oral.</p>
---	--	---	--	---------------------------

		<p>5.1. A aula será concluída com a elaboração pelos alunos do sumário.</p>		
--	--	---	--	--

**Nota:** Relativamente ao PASE (Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória) serão trabalhadas as competências de linguagem e textos, informação e comunicação, e pensamento crítico.



<b>Escola:</b> Escola Básica e Secundária José Falcão	<b>Tempo de aula:</b> 50 minutos 100 minutos X	<b>Aula n°:</b>	<b>Sumário:</b> A arquitetura do renascimento. O manuelino: visita de estudo virtual à Sé do Funchal (ilhada Madeira).
	<b>Domínio:</b> A abertura europeia ao Mundo – mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI.	<b>Data:</b> 20/05/2021	
<b>Professor (estagiário):</b> João Francisco Chá-Chá	<b>Unidade:</b> A reinvenção das formas artísticas – imitação e superação dos modelos da Antiguidade	<b>Conceitos trabalhados:</b> Classicismo, manuelino.	
<b>Disciplina/ Ano/ Turma:</b> História A, 10º B	<b>Subunidade:</b> A arquitetura A arte em Portugal: o gótico-manuelino e a afirmação das novas tendências renascentistas		

Conteúdos	Aprendizagens a realizar/ Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
1. Os Antigos <i>versus</i> os Medievais. Os Homens do Renascimento valorizam arte dos Antigos em detrimento da arte medieval.	1. Compreender o interesse dos Homens do Renascimento pela Antiguidade Clássica.	1. Através da exploração de um documento do manual o professor pretende que os alunos compreendam o interesse dos Homens do Renascimento pela Antiguidade Clássica e as suas críticas ao período medieval.	1. Manual, doc. 20 “Uma nova arquitetura” p. 68.	1. Avaliação oral.
2. O “renascimento” da arquitetura Clássica através dos tratados de Arquitetura publicados nos séculos XV e XVI. O primeiro grande	2. Relacionar o saber transmitido através dos tratados de arquitetura publicados no século XV e	2. Através do diálogo o professor pretende que os alunos relacionem o saber transmitido pelos tratados de arquitetura com	2. Diálogo.	2. Avaliação oral.

tratado de arquitetura publicado no século XV: <i>De Architectura</i> de Vitruvius.	XVI com o novo paradigma artístico do Renascimento.	o novo paradigma artístico do Renascimento.		
3. Florença: o berço da arquitetura renascentista. A importância dos vestígios romanos e o poder das grandes famílias no financiamento da arte.	3. Destacar a importância dos vestígios da arquitetura romana e o poder das grandes famílias florentinas.	3. Através do diálogo e análise do manual o professor pretende que os alunos destaquem a importância dos vestígios da arquitetura romana existentes em Itália e o poder das grandes famílias florentinas no financiamento da arte.	3. Manual, p. 74 Diálogo.	3. Avaliação oral.
4. A importância da matemática e geometria na busca pela harmonia e perfeição. O Homem surge como autor da perfeição.	4. Relacionar a importância matemática com a arquitetura e urbanismo do Renascimento.  4. Compreender a importância da geometria com o antropocentrismo.	4. Através da leitura e exploração do manual o professor pretende que os alunos relacionem a importância da matemática com a arquitetura e urbanismo  4. Através da exploração de uma imagem e do diálogo o professor pretende que os alunos compreendam a importância da geometria no novo ideal renascentista: o antropocentrismo.	4. Manual, pp. 68-75. Diálogo.  4. Manual, doc. 30 “Urbanismo renascentista” p. 75. Diálogo.	4. Avaliação oral.  4. Avaliação oral.
5. As principais características da arquitetura renascentista: a	5. Destacar as principais características da	5. Através da análise e exploração das imagens do	5. Manual, p. 69-75.	5. Avaliação oral.

<p>perspetiva linear, as linhas e os ângulos retos, as abóbodas de berço e de arestas, e as cúpulas.</p> <p>6. A arquitetura em Portugal nos séculos XV e XVI: o manuelino. O manuelino: um estilo arquitetónico onde coexistem o gótico tardio, as influências árabes, os elementos marítimos e a heráldica.</p>	<p>arquitetura renascentista.</p> <p>5. Destacar as influências greco-romanas na arquitetura do Renascimento.</p> <p>6. Destacar as principais características do manuelino.</p>	<p>manual o professor pretende que os alunos destaquem as principais características da arquitetura renascentista.</p> <p>5. Através da análise e exploração das imagens do manual o professor pretende que os alunos destaquem as influências greco-romanas na arquitetura do Renascimento.</p> <p>6. Através da visita de estudo virtual à Sé do Funchal o professor pretende que os alunos destaquem as principais características do Manuelino.</p>	<p>5. Manual, p. 69-75.</p> <p>6. Manual, pp. 80-82. Visita de estudo virtual à Sé do Funchal.</p>	<p>5. Avaliação oral.</p> <p>6. Avaliação oral e escrita.</p>
---	--	---	--	---



<b>Escola:</b> Escola Básica 2, 3 c/ Secundário José Falcão	<b>Tempo de aula:</b> 50 minutos 100 minutos X	<b>Aula n.º:</b>	<b>Sumário:</b> A arquitetura pós-moderna: - os seus primórdios; - o complexo e a contradição; - os principais arquitetos e as suas respetivas obras.
	<b>Domínio:</b> 10. A cultura do espaço virtual.	<b>Data:</b> 29/04/2021	
<b>Professor (estagiário):</b> João Francisco Chá-Chá	<b>Unidade:</b> 9. As últimas décadas do século XX	<b>Conceitos trabalhados:</b> Arquitetura pós-moderna.	
<b>Disciplina/ Ano/ Turma:</b>	<b>Subunidade:</b> 9.2 Para além do Funcionalismo: os caminhos da arquitetura contemporânea.		

Conteúdos	Aprendizagens a realizar/ Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
1. A arquitetura moderna.	1. Recordar as principais características da arquitetura moderna.	1. Análise (breve) da obra do arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer de forma a fazer a ponte para a arquitetura pós-moderna.	1. PowerPoint. Diálogo.	1. Avaliação oral.
2. Os primórdios da arquitetura pós-moderna. Na obra <i>Complexity and Contradiction in Architecture</i> o arquiteto Robert	2. Compreender os princípios da arquitetura pós-moderna: a linguagem eclética, historicista e vernacular; o pluralismo; a complexidade.	2. Exploração da máxima <i>less is more</i> .	2. PowerPoint. Diálogo.	2. Avaliação oral.

Venturi tece críticas à arquitetura moderna. Na sua ótica a arquitetura moderna (nomeadamente o <i>Estilo Internacional</i> ) cerceira a capacidade criativa do arquiteto; e descaracterizara as cidades.				
3. A primeira obra da arquitetura pós-moderna: a <i>Casa de Vanna Venturi</i> , um exemplo de complexidade e contradição.	3. Reconhecer os principais elementos da arquitetura pós-moderna patentes na <i>Casa de Vanna Venturi</i> .	3. Visualização de um pequeno vídeo sobre a <i>Cassa de Vanna Venturi</i> .	3. PowerPoint. Manual. Diálogo.	3. Avaliação oral.
4. Os principais nomes da arquitetura pós-moderna (Robert Venturi; James Stirling; Michael Graves; Charles W. Moore; Ricardo Bofill; Philip Johnson) e as suas	4. Destacar os principais elementos da arquitetura pós-moderna nas obras analisadas.	4. Visualização de um vídeo seguido de uma análise e comentário das obras apresentadas.	4. PowerPoint. Manual. Diálogo.	4. Avaliação oral.

respetivas obras. Os principais elementos estéticos desta nova arquitetura: a profusão cromática, os frontões Chippendale.				
--	--	--	--	--

## ANEXO 4 – “A inauguração do «Casino Park Hotel»” in Diário de Notícias da Madeira (PowerPoint)

### OSCAR NIEMEYER



O dr. José António Camacho, secretário regional do Planeamento, Finanças e Comércio, quando usava da palavra no decorrer da cerimónia inaugural do Hotel Casino Park.

#### A INAUGURAÇÃO DO «CASINO PARK HOTEL» COM A PRESENÇA DO SECRETÁRIO DE ESTADO DO TURISMO E DO DIRECTOR-GERAL DO TURISMO E GOVERNO REGIONAL

A noite do último domingo [3 de outubro] marcou uma etapa evolutiva no sector turístico da Madeira, através da inauguração oficial do «Casino Park Hotel» — uma nova unidade de cinco estrelas que surge numa nova dimensão de Arquitectura Moderna, sob assinatura do famoso Oscar Niemeyer (o arquiteto de Brasília e de Viana de Lima).

A noite do último domingo [3 de outubro] marcou uma etapa evolutiva no sector do turístico da Madeira, através da inauguração oficial do «Casino Park Hotel» - uma nova unidade de cinco estrelas que surge numa nova dimensão de **Arquitectura Moderna**, sob assinatura do famoso Oscar Niemeyer (o arquiteto de **Brasília**) e de Viana de Lima.

“A inauguração do «Casino Park Hotel»” in *Diário de Notícias da Madeira*, 5 de outubro de 1976, n.º 33 292, p. 10.

## CONSOLIDAÇÃO



## TAREFA

**Elabora um texto em que expliques as características do regime senhorial português, salientado as suas especificidades que se mantiveram vivas ao longo dos séculos.**

**IMPORTANTE:**

- **descrever o regime senhorial português, destacando os privilégios e imunidades do senhor;**
- **justifica o porquê de se afirmar a seguinte expressão: as raízes do centralismo português remontam ao período medieval, nomeadamente ao regime senhorial.**

## MULHERES NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**Durante séculos, o corpo estudantil e docente da UC foi composto exclusivamente por homens. No século XIX, as mulheres chegam à universidade: primeiro como alunas e mais tarde como professoras.**

Em outubro de 1891 Domitília de Carvalho matricula-se na UC.

Em 1956 Maria Helena da Rocha Pereira é a primeira mulher a doutorar-se na UC com a tese *Concepções helénicas de felicidade no além : de Homero a Platão*.

No ano letivo 1983/ 84 o número de alunas superou o de alunos inscritos: 6890 raparigas contra 5813 rapazes.

Em 1911 Carolina Michaëllis de Vasconcelos começa a lecionar na recém criada Faculdade de Letras.

Em 1964 Maria Helena da Rocha Pereira atinge o topo da carreira académica, tornando-se a primeira professora catedrática da UC.

## DEBATE

“A partir do século XVII, Portugal entrou num longo período histórico dominado pela repressão ideológica, a estagnação científica e o obscurantismo cultural, um período que teve a sua primeira (e longa) manifestação na Inquisição e a última (assim esperamos) nos quase cinquenta anos de censura salazarista. (...)

Portugal é uma sociedade de desenvolvimento intermédio. Algumas características sociais (taxa de crescimento populacional, leis e instituições, algumas práticas de consumo, etc.) aproximam-se das sociedades mais desenvolvidas, enquanto outras (infra-estruturas coletivas, políticas culturais, tipo de desenvolvimento industrial, etc.) a aproximam das sociedades menos desenvolvidas”

Boaventura de Sousa Santos, *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*, Coimbra, Almedina, 2018, pp. 59 - 63.

**O atraso cultural, industrial e tecnológico português tem as suas raízes no estabelecimento da Inquisição e na expulsão dos judeus? Será Portugal o Sul do Norte?**

**ANEXO 8 – As tecnologias digitais no ensino da história na União Europeia e em Portugal**

	1985 a 1994	<b>Projeto Minerva</b> (Meios Informáticos no Ensino: racionalização/ valorização/ atualização)
	1989 a 1992	Projeto IVA (Informática para a Vida Activa)
	1992	Projeto FOCO (inserido no PRODEP 1990-94 – medida 1.3)
	1993	Projeto FORJA (Fornecimento de Equipamentos, suportes logísticos e acções de formação de professores)
	1995	EDUTIC (Educação para as Tecnologias da Informação e Comunicação)
	1996	Publicação do <b>Livro Verde para a Sociedade da Informação</b>
1999 a 2002: eEurope2002	1996 a 2004	<b>Programa NÓNIO-Século XXI</b> (deriva do projeto EDUTIC)
2002 a 2005: eEurope2005	2005	Iniciativa <b>Ligar Portugal</b> (que interliga com o programa i2010)
	2005	Criação da Equipa Missão CRIE2
	2005	eduTIC
2005 a 2010: iniciativa i2010	2006	<b>Programa Educação e Formação 2010</b>
	2007 a 2013	<b>Plano Tecnológico da Educação</b> (que substitui a equipa CRIE pela ERTE)
Agenda Digital Europeia		

**Tabela 2** – Principais projetos de introdução das tecnologias digitais no ensino na União Europeia e em Portugal. **Fonte:** História, Tecnologias digitais e mobile learning: ensinar História na era digital, p. 40.

## ANEXO 9 – Formulário: as TDIC na sala de aula\*

### As TIC no ensino da História: as visitas de estudo virtuais

Descrição do formulário

Este formulário está a recolher automaticamente emails de utilizadores do domínio Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo. [Alterar definições](#)

Tens computador com acesso à internet?

Texto de resposta curta

Consideras as TIC uma boa ferramenta de estudo? Justifica a tua resposta.

Texto de resposta longa

Usas o computador em que circunstâncias? \*

Texto de resposta curta

Quais são as plataformas que usas para realizar os trabalhos escolares? \*

Texto de resposta longa

Em contexto de sala de aula quais são as tuas estratégias de aprendizagem preferidas? \*

Algumas opções: manual, internet, apresentações em PowerPoint, apresentações em nearpod, visitas de estudo virtuais, filmes, peças de teatro, kahoot, mentimeter.

Texto de resposta longa

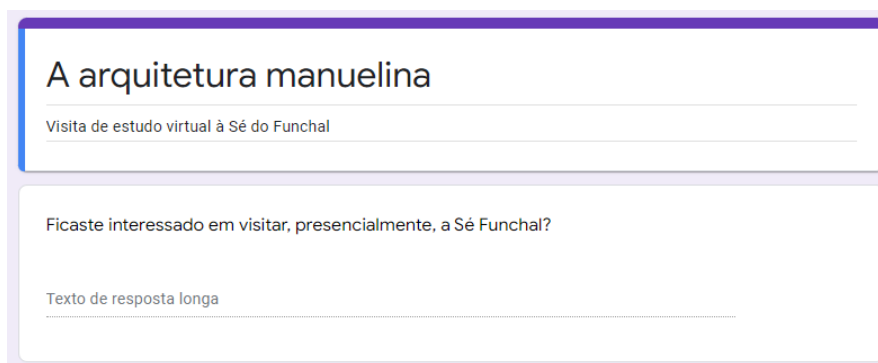
Dá a tua opinião sobre o recurso visitas de estudo virtuais no contexto da aula de História. \*

Texto de resposta longa

\* Quando começamos a elaborar este relatório utilizávamos a expressão TIC, mas decorrente das nossas leituras acabamos por adotar a expressão TDIC.



**ANEXO 10** – A arquitetura manuelina: visita de estudo virtual à Sé do Funchal -  
questionário (*Google Forms*)



A arquitetura manuelina

Visita de estudo virtual à Sé do Funchal

Ficaste interessado em visitar, presencialmente, a Sé Funchal?

Texto de resposta longa

**ANEXO 11** – Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra) - questionário (Google Forms)

## O impacto da Reforma Católica na sociedade portuguesa

Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra)

est.joao.chacha@aemc.edu.pt [Mudar de conta](#)



O seu email será registado quando enviar este formulário

A Companhia de Jesus foi fundada em 1534 por Inácio de Loyola no contexto da Reforma Católica. Os jesuítas foram importantes:

- na reafirmação da doutrina da Igreja Católica.
- na perseguição dos judeus.
- na luta contra o Islão.
- na difusão da fé católica em Portugal.

Em Portugal os jesuítas assumiram um papel importante na missão e no ensino. No ensino merece especial destaque a Aula da Esfera. A Aula da Esfera foi importante no ensino:

- da física.
- das ciências naturais.
- das ciências da educação.
- da matemática.

No século XVII a Aula da Esfera notabilizou-se pelo estudo:

- da cartografia e matemática.
- da cartografia e zoologia.
- da cartografia e cosmografia.
- da cosmografia e matemática.

Os jesuítas foram importantes na divulgação do conhecimento produzido por Pedro Nunes. Este matemático do século XVI inventou:

- o astrolábio.
- o quadrante.
- a bússula.
- o nócio.

A Companhia de Jesus foi extinta pelo Marquês de Pombal em:

- 1834.
- 1773.
- 1759.
- 1755.

**ANEXO 12** – Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra) - questionário (Google Forms)

## O impacto da Reforma Católica na sociedade portuguesa

Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra)

Ficaste interessado em visitar, presencialmente, a "Aula da Esfera" no antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e o Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra)

Texto de resposta longa

---

## ANEXO 13 – Trabalhos de consolidação de conhecimentos (orientações)

Instruções

Trabalhos dos alunos



### O manuelino: visita de estudo virtual à Sé do Funchal



João Francisco Chá-Chá · 21/05 (Editado às 21/05)

100 pontos

Data de conclusão: 23/05

Bom dia! Passei por cá só para vos lembrar do trabalho que têm de fazer sobre a visita de estudo virtual à Sé do Funchal. Conforme combinado é em suporte PowerPoint e tem de ter no mínimo 5 slides. Têm até domingo (23 de maio) para entregar o trabalho.

Estrutura:

- 1º slide: título, nome, escola, ano letivo e data.
- 2º slide: breve história da Sé do Funchal.
- 3º e seguintes slides: características arquitetónicas da Sé do Funchal.
- Último slide: bibliografia e webgrafia.

É importante mobilizar os apontamentos retirados no decorrer da atividade. Caso tenham dúvidas podem consultar o manual (pp. 80-82), o site do *Sistema de Informação para o Património Arquitetónico*, o episódio da série *Visita Guiada à Sé do Funchal* (disponível no classroom). Podem também enviar mensagem e eu esclareço as vossas dúvidas.

Bom trabalho!



Sé do Funchal\_Visita guiada ...  
Google Video

## Atividade

Como estratégia de consolidação de conhecimentos deverás desenvolver um trabalho em suporte PowerPoint. Poderás sugerir outro suporte.

O PowerPoint deverá ter no mínimo 6 slides. No trabalho deverás aprofundar os seguintes tópicos: Companhia de Jesus, Companhia de Jesus em Portugal: o ensino, Colégio de Santo Antão-o-Novo: a Aula da Esfera, Euclides através dos azulejos.

O trabalho deverá ser submetido no Classroom até dia 20 de junho. Depois de corrigido o trabalho será partilhado na plataforma SlideShare.

## ANEXO 14 – A Arquitetura manuelina: visita de estudo virtual à Sé do Funchal - guião

### A ARQUITETURA MANUELINA VISITA DE ESTUDO VIRTUAL À SÉ DO FUNCHAL

#### Cronograma

- 10:15 → Início da visita de estudo virtual (via Skype).
- 10:15 → Estátua de João Gonçalves Zarco (colaboração da guia Daniela Nunes).
- 10:25 → Sé do Funchal (exterior).
- 10:30 → Projeção de um trecho do episódio “Sé do Funchal, Madeira” da série *Visito Guiado* da RTP2.
- 10:35 → Sé do Funchal (interior).
- 10:45 → Projeção de um trecho do episódio “Sé do Funchal, Madeira” da série *Visito Guiado* da RTP2.
- 10:50 → Sé do Funchal (exterior).
- 10:55 → Fim da visita de estudo virtual.

#### Breve cronologia

- 1418-1419 → Descobrimto do arquipélago da Madeira.
- 1485 → D. Manuel, donatário do arquipélago da Madeira, doou, ao município do Funchal, um chão, no denominado Campo de Duque, para construção de uma Igreja, praça e casa do concelho.
- 1493 → Início da construção, sob a direção do mestre Pêro Anes.
- 1508 → Bênção da nova Igreja pelo bispo titular D. João Lobo. A paróquia de Santa Maria do Calhau foi extinta, sendo transferida para a nova Igreja. Elevação da vila do Funchal a cidade.
- 1514 → Criação da Diocese do Funchal pelo Papa Leão X, sendo nomeado primeiro bispo, D. Diogo Pinheiro. O extenso território do novo bispado abrangia todas as terras descobertas pelos portugueses.
- 1517 → Consagração da Catedral.



Fachada principal da Sé do Funchal. Foto disponível em SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico).

#### Atividade

Com base nas informações recolhidas no decorrer da visita de estudo virtual elabora um pequeno vídeo (com uma duração mínima de 5 minutos) sobre o estilo arquitetónico da Sé do Funchal: o manuelino. Podes recolher outras informações no Google, nomeadamente no website do SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico).

**ANEXO 15** – Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra) - guião

## O impacto da Reforma Católica na sociedade portuguesa

Os jesuítas e o ensino da matemática: visita de estudo virtual ao antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (Lisboa) e ao Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra)

### Instruções

Na próxima visita de estudo virtual vamos conhecer um pouco melhor a história do antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo (atual Hospital de São José).

Deverão ser formados grupos de 3 a 4 elementos.

No decorrer da atividade irás precisar do teu smartphone.

A atividade terá uma duração de aproximadamente 35 minutos.

## Visita de estudo virtual

A atividade terá como suporte um excerto do episódio “Sala da Aula da Esfera, no Hospital de São José; e Museu da Marinha”, em Lisboa da série Visita Guiada, RTP2.

Na segunda parte da visita deverás aceder à exposição “Vamos aprender algo sobre matemática” através da app Google Arts&Culture.

No decorrer da visita deverás preencher o questionário disponibilizado no Classroom.